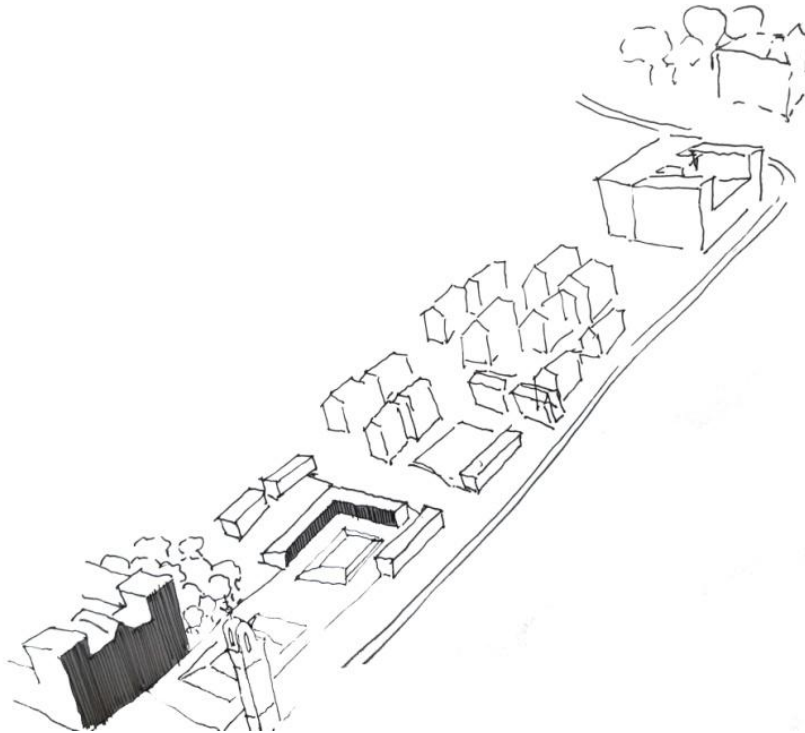


UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA DE LISBOA

VAZIO ESTRUTURANTE

Processos de Consolidação do Espaço Residual



Mariana Braga Martins

Dissertação/Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
Mestrado Integrado de Arquitetura

Orientador Científico: Arq. Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-orientadora Científica: Prof.^a Doutora Susana Oliveira

Presidente: Arq. José Aguiar

Vogal: Doutor Arq. Pedro Belo Ravara

Vogal e Orientador: Arq. Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Vogal e Co-Orientadora: Prof. Doutora Susana Oliveira

Lisboa, FAUTL, Julho, 2013

Aos meus pais, Pedro e Anabela,

e à minha irmã Rita

Agradecimentos

Sendo esta a última etapa da minha vida como estudante, gostaria de expressar o meu profundo agradecimento a algumas pessoas que me acompanharam neste trabalho final, tal como em todo o meu percurso até aqui.

Ao Professor Nuno Mateus, pela partilha de saber e competência ao longo deste ano, e pelo espírito crítico e de insatisfação que foram um contributo e estímulos sinceros e constantes para a minha formação como arquiteta e para o desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Susana Oliveira, pelo seu empenho na formulação de um pensamento fora do âmbito exclusivo da arquitetura, cativando sempre o meu imaginário e vontade de ir além das minhas capacidades. Foi imprescindível a sua dedicação minuciosa a este trabalho e a sua amizade.

Ao Professor e amigo Diogo Burnay, pela generosa disponibilidade, pela partilha de experiência e pelo apoio a qualquer hora do dia ou da noite e em qualquer lugar do mundo.

Ao Professor Nuno Beirão e ao Professor Paulo Pereira, pelo apoio e sugestões que me ajudaram a melhor explorar o tema de trabalho.

A todos os professores e colegas da FA que ao longo destes cinco anos contribuíram para o meu conhecimento e enriqueceram a minha aprendizagem, em especial à Rita Almeida, pela sua preciosa ajuda e amizade nesta fase final.

Aos meus pais e à minha irmã, que admiro muito, pela confiança, incentivo e apoio incondicionais em todas as minhas decisões.

Aos meus treinadores de ginástica, Miguel Balsas e José Penedo, com quem aprendi a enfrentar os meus medos em todos os aspetos da minha vida, e com quem continuo sempre a aprender.

A todos os meus amigos, que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho, em especial as minhas amigas Rita Ramalho e Less, pela amizade cada vez maior ao longo destes cinco anos, e à Raquel Carinhas, pela sua sempre boa disposição e grande cumplicidade.

Beyond the edge of the world there's a space where emptiness and substance neatly overlap, where past and future form a continuous, endless loop. And hovering about there are signs no one has ever read, chords no one has ever heard.

Haruki Murakami

Resumo

A presente dissertação intitulada 'Vazio Estruturante – Processos de Consolidação do Espaço Residual' tem por objetivo o estudo do vazio como motor de desenvolvimento de um projeto de arquitetura, neste caso de residências para estudantes no Pólo Universitário da Ajuda.

A localização das residências procurou consolidar como vazio presente o Terreiro da Torre do Galo, prolongando-o até aos limites do Bairro 2 de Maio, de forma a requalificar a zona histórica do Palácio Nacional da Ajuda e a colmatar um vazio comunicativo, trazendo para o mesmo território tanto a população flutuante (estudantes) como a população residente nestes bairros.

A reflexão sobre os vazios urbanos e a oportunidade que estes representam, para além do seu potencial papel 'descompressor', será também abordada recorrendo a uma análise pela *imagem*, usada como possível estratégia promotora e regeneradora de um lugar tão privilegiado como é o Alto da Ajuda.

Este projecto propõe-se explorar o espaço expectante, residual, procurando manter a sua condição de vazio. Partindo da sua definição literal, a sua interpretação para o trabalho foi estudada e explorada através do desenho, da maquete e da ambiguidade do seu conceito.

Propôs-se o vazio como espaço público de suporte ao reencontro entre três 'realidades' História, bairros envolventes e Pólo Universitário. Este último é limitado formalmente pelos edifícios das residências, resultantes de um processo de subtração de uma massa poligonal. As fachadas resultantes desta subtração têm uma materialidade alusiva ao Palácio, diferente das restantes, reforçando mais uma vez os limites entre cheio e vazio e a identidade deste lugar.

Palavras-chave

Vazio; Cheio; Limites; Imagem; Estruturante

Abstract

The present dissertation, named 'Structural void – Consolidation Processes of the Residual Space' – aims at exploring the void and its developing role in an architectural project, in this particular case for student housing in Ajuda's University area.

The location of the student housing aims at the consolidation of an existing void - Terreiro da Torre do Galo - expanding it to the limits of Bairro 2 de Maio and requalifying the historical area of Palácio Nacional da Ajuda. It also expects improving social relationships, fulfilling a communicational void by bringing some of the transient population (students) together with the resident population.

The reflection on urban voids and the opportunity they represent (apart from their function as a 'psychological break' in the city's density) will be approached through the *image* issue study and how it may be used as a strategy to promote such a privileged place like Alto da Ajuda.

The project proposes an exploration of the residual space yet keeping its 'empty' condition. Starting from its literal definition, its interpretation for this work was made by mean of drawing sketches, 3D models and enquiry into such a manifold concept.

This void will be a public space working as a support-base for the gathering of three different 'realities' – History, neighbourhoods and campus. It is limited by the student housing buildings, which are drawn from a process of subtraction from a polygonal mass. The resulting facades, directly connected to the void, have characteristics such as colour that are similar to those of the Palace, helping to reinforce the contrast between mass and void and the place's own identity.

Keywords

Void; Mass; Limits; Image; Structural

Lista de Acrónimos

FAUTL – Faculdade de Arquitetura de Lisboa

ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão

ISMV – Instituto Superior de Medicina Veterinária

GNR – Guarda Nacional Republicana

SWOT – É uma ferramenta utilizada para fazer análise de um cenário ou ambiente, mais usada em empresas como base de gestão e planeamento estratégico; é um acrónimo de Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats)

- ii. Dedicatória
 - iii. Agradecimentos
 - iv. Epígrafe
 - v. Resumo e palavras-chave
 - vi. *Abstract and keywords*
 - vii. Lista de Acrónimos
 - viii. Índice
-
- 1. I. Introdução
 - 1. I.1 Objeto de Estudo
 - 3. I.2 Questões de Trabalho
 - 5. II. Contexto e Lugar – Bairro e Pólo Universitário da Ajuda
 - 10. III. Estado de Arte
 - 10. II I.1 Análise ao Lugar
 - 13. II I.2 O Vazio
 - 20. II I.3 Habitação Temporária
 - 23. IV. Metodologia
 - 25. V. Desenvolvimento
 - 25. V.1 Proposta Urbana
 - 27. V.2 Proposta Arquitetónica
 - 33. VI. Conclusão
-
- 34. Bibliografia
 - 36. Índice de Figuras
 - 38. Lista de Anexos

I. Introdução

I.1 Objeto de Estudo

Partindo do tema em título ‘Vazio Estruturante – Processos de Consolidação do Espaço Residual’ esta dissertação e projeto propõem-se estudar as possibilidades do vazio como motor estruturante da envolvente construída (*cheios*) assim como a sua caracterização pelo uso da forma, escala e matéria no desenvolvimento de um objeto arquitetónico.

Partindo da noção de vazio como ‘ausência de conteúdo estruturado’ ou algo ‘cujo conteúdo foi retirado’ os vazios na cidade contemporânea são, em grande parte, espaços sobrantes consequentes residuais da envolvente construída e constituem assim oportunidades para a intervenção e regeneração como lugares de exceção na cidade.

A escolha deste ‘Vazio Estruturante’ partiu de uma análise geomorfológica efetuada sobre o lugar de intervenção – o Pólo Universitário da Ajuda e bairros envolventes – no qual se identificaram e caracterizaram diversas áreas de espaços residuais e ainda a falta generalizada de infraestruturas de serviços como comércio, serviços bancários, arranjos exteriores, zonas de lazer e outros. Para além disso, quanto às pré-existências, notou-se uma clara ausência de regras urbanísticas de conjunto definidoras de um carácter de ocupação e a consequente degradação e desqualificação de muitas das construções pelo abandono e/ou falta de manutenção.

Este é um território de difícil entendimento na cidade de Lisboa, marcado por uma história de sucessivas tentativas dispersas de lhe conferir sentido, ora para o transformar num lugar de realza ora na edificação de diversos conjuntos habitacionais desarticulados no tempo e no espaço e mais recentemente numa aproximação ao que seria um conceito de ‘campus universitário’. Aqui confluem e coexistem ainda a densa mata de Monsanto, a zona histórica do Palácio Nacional da Ajuda e o Terreiro da Torre do Galo, bairros de habitação social e o Pólo Universitário com as suas diferentes faculdades, ainda desgarradas de uma ideia de todo.

Apesar de conter elementos desligados entre si, e também do tecido urbano que os envolve, esta zona reúne no entanto condições para se tornar um lugar privilegiado, tanto pela forte presença da natureza, como pela acentuada pendente que permite vistas panorâmicas sobre a cidade e o rio. A proximidade e relação visual com Belém potenciam ainda a ligação efetiva da zona ribeirinha através da linha de água do Rio Seco com a zona alta natural do Parque de Monsanto. As múltiplas relações visuais que se estabelecem a partir do Pólo da Ajuda com a cidade e o horizonte bem como com a outra margem poderiam constituir o mote para novos usos como a prática de desporto ou o estabelecimento de equipamentos públicos de lazer e culturais que trouxesse um ‘público’ mais diversificado a esta zona.

Naturalmente que novos programas de habitação contribuirão para uma fixação e consolidação de vivências virão promover um habitar urbano e quotidiano mais qualificado e intenso.

O interesse por este tema nasceu também na sequência da nossa experiência pessoal enquanto estudantes e parte integrante dessa vasta população flutuante, tanto pela carência sentida de infraestruturas adequadas e acessíveis como pelas características deficientes do espaço envolvente às faculdades, onde caminhar não é uma prática natural que se repita com muita frequência, dada a falta de atividades de apoio, serviços, caminhos e espaços de permanência pensados com esse objetivo.

A escolha de um programa adequado para consolidar cada um dos espaços subaproveitados constituintes deste lugar é assim determinante para a articulação e relação destes entre si e com a cidade. O projeto de residências universitárias representa no contexto deste trabalho uma oportunidade de criar espaços de qualidade e habitação para estudantes, reconhecendo este como um lugar pertencente à cidade.

1.2 Questões de Trabalho

A localização das residências de estudantes nos limites do Bairro 2 de Maio e os terrenos do Palácio da Ajuda (na envolvente próxima às faculdades do Pólo Universitário da UTL mas não diretamente na sua área circundante) pretende gerar espaços públicos inseridos num contexto mais habitacional, e dessa forma gerar fluxos de maior riqueza e intensidade de e para fora do núcleo universitário assim como uma ligação visual e pedestre com o Terreiro da Torre do Galo e o Palácio Nacional da Ajuda. Toda esta área de intervenção vem sendo marcada por uma imagem degradada de marginalização social, desintegração e pobreza como consequência de longos períodos de ausência de políticas de investimento de regeneração efetivas e abrangentes. Modificar esta imagem e trabalhar com ela na sua articulação com o património histórico monumental do Palácio, foi uma motivação fundamental para o complexo desenvolvimento das questões de trabalho levantadas.

Para o estudo do vazio, para além da noção intrínseca e definidora de 'limite', foi também necessário entender as leituras e potencialidades do seu interior, e de uma abordagem ao lugar de intervenção que resista criticamente à tendência frequentemente observada nas cidades atuais de preenchimento do espaço livre, como fora referido pelo arquiteto e urbanista Nuno Portas (1934-).¹

Vinculada também à ideia do vazio físico e dos seus limites, propôs-se neste estudo uma reflexão sobre a partilha de espaços públicos entre estudantes e visitantes das faculdades e população residente. Esta partilha passou pela possibilidade de desenvolver uma estratégia que integrasse a população destes bairros criando, para além da habitação para estudantes, outros programas como cafés, biblioteca, espaços para a cultura e serviços, entre outros, que apelem à agregação do sentido de espaço e procurem diluir barreiras sociais e económicas. O programa para uso colectivo torna-se, por si só, uma componente fulcral pela procura de ditos espaços de 'consenso', articulando uma população fixa residente com a população estudantil sujeita a impulsos intensos mas cíclicos, ligados aos ritmos lectivos.

Uma outra problemática que aqui se pretendeu debater foi a consolidação de um espaço de modo a manter a sua condição original de vazio sem o preencher necessariamente, isto é explorar as suas múltiplas leituras através da caracterização pela matéria, escala, forma e usos sem ser apenas através da ocupação do seu espaço disponível. Esta caracterização procurou criar uma *imagem* do lugar - o vazio habitado, consolidado, mas presente. Vazio é a sua condição natural que nos propomos consolidar. Propôs-se também explorar a questão da sustentabilidade, projetando jardins horticolas e espaços verdes de permanência, que pudessem envolver a população na participação ativa e manutenção destes espaços, tanto do ponto de vista de complemento económico como da sua qualidade paisagística e ambiental.

¹ PORTAS, Nuno "Do Vazio Ao Cheio," *Cadernos De Urbanismo PCRJ/SMU*, Rio De Janeiro, Ano 1 (2000): 07– 10.

Igualmente se explorou a aplicação do tema de trabalho ao objecto arquitectónico, investigando o vazio estruturante à escala do edifício como lugar de pausa e introspeção e de como este pode vir a dinamizar usos mais diversificados dos espaços e estruturar a distribuição e acessos a áreas coletivas, dentro das residências propostas, investigando entradas de luz que provoquem uma relação direta com o território e espaço público envolvente.

A própria gestão do programa e dos domínios público, privado e semi-privado, foi objeto de investigação específica no âmbito deste trabalho, procurando uma solução de usos e apropriações que façam deste um projeto adaptável ao contexto socioeconómico real. Para isso será ainda necessário caracterizar a população flutuante, a população residente e o simples transeunte, aos quais se destina este projeto, e refletir sobre a forma mais eficaz de 'trazer' esta população flutuante a este contexto, no sentido de produzir uma contribuição efetiva para a solução do problema dos vazios da Ajuda, já que uma das maiores lacunas que aqui se verifica é a falta de uma população fixa integrada.

O grande desafio do trabalho assenta assim na possibilidade de transformar um espaço que é atualmente um vazio indeterminado sem uso aparente num espaço disponível consolidado e qualificado, presente e habitado. Enraizado na construção de uma imagem positiva do vazio, este projeto procura fazer sobressair a particular versatilidade deste lugar e a sua disponibilidade para diversas utilizações e inscrições coletivas, como a História frequentemente nos demonstra.

II. Contexto e Lugar Bairro e Pólo Universitário da Ajuda

Foi durante o seu regresso à Real Barraca que, na noite de 3 de Setembro de 1758, se atentou contra Sua Majestade, o Rei D. José I (1714-1777). A emboscada, comandada pelo Duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas e pelos Marqueses de Távora foi um reflexo do descontentamento geral da classe nobre com as políticas do então Ministro do Rei, Sebastião José de Carvalho e Melo (mais conhecido por Marquês de Pombal), após o terramoto de 1755. Assassinando o Rei, os conspiradores conseguiriam afastar Marquês de Pombal do poder.

Reunidas as provas incriminatórias contra os supostos conspiradores, o Marquês de Pombal conseguiu a prisão e o conseqüente julgamento dos responsáveis que os levaria ao cadafalso ao fundo da praça onde se deu o atentado.

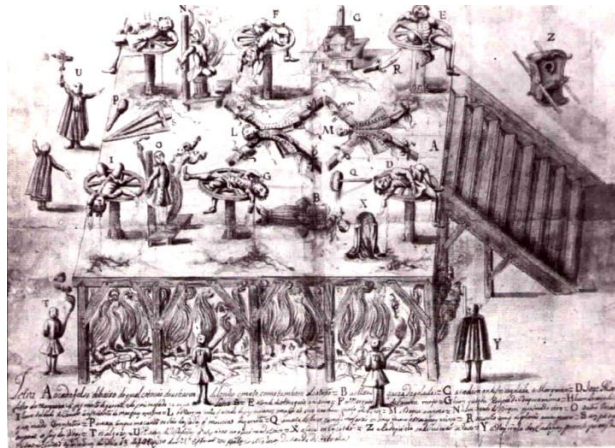


Fig. 1 - Execução dos Távoras, legendado, Museu da Cidade, Lisboa

Não bastando a violência das execuções dos Távoras (publicadas em ilustrações dos atos também no estrangeiro) deu-se o chamado *damnatio memoriae*, o apagamento dos traços da família nobre condenada (o Palácio onde residiam foi imediatamente arrasado) – o castigo para os grandes traidores. Hoje em dia este espaço ‘apagado’ - é conhecido pelo Chão Salgado uma vez que a terra onde assentava foi purificada através do sal, existindo ainda um pelourinho, o Marco do Chão Salgado.

Apelidada de Real Barraca pelo seu aspeto ‘tosco e desagradável’ e pelo seu carácter temporário, a residência real provisória após o terramoto era toda construída em madeira pelo receio da ocorrência de um novo sismo:

“Desprovido de habitação condigna na cidade-capital, como já o era, então, Lisboa, a solução foi a de deslocar a corte para um sítio alto e desimpedido, longe de quaisquer

possibilidades de vitimação por um *tsunami* como o que, de proporções gigantescas, assolou Lisboa em consequência do sismo.”²

A Quinta de Cima, no Bairro da Ajuda, foi o local escolhido para esta estrutura habitacional para a família real, onde mais tarde viria a ser implantado o Palácio Nacional da Ajuda. Aí permaneceu durante cerca de três décadas, sendo uma localização cómoda pela pendente sobre o rio e a cidade e a proximidade da Tapada da Ajuda, onde o rei fazia as suas caçadas. Foi também lugar eleito por ter sofrido muito poucos danos aquando do terramoto, dada a sua topografia e composição do subsolo.



Fig. 2- Vista e perspectiva do rio Tejo e da entrada da Barra de Lisboa, Bernardo de Caula, 1763.

Na sequência do atentado ao rei é mandada erguer a Igreja da Memória, em honra do salvamento do monarca alegadamente por intercessão divina, um ‘monumento-documento’ por ser um edifício que gerou um lugar – o lugar da Memória, da autoria do arquiteto Giovanni Carlo Bibiena, que fora também responsável pela obra da Real Barraca. A construção desta igreja veio ainda criar condições para a fixação de outros edifícios de habitação na sua envolvente, tornando-se este novo conjunto, já no século XX, aquilo a que denominamos como o Bairro da Memória.

Em 1768, após o terramoto, o Marquês de Pombal encomenda a Manuel Caetano a construção do Real Jardim Botânico da Ajuda, adjacente à envolvente da Real Barraca. Este projecto nada teve a ver inicialmente com o projeto do atual Palácio da Ajuda, concluído anos mais tarde após o incêndio na Real Barraca em 1794.

² GAMEIRO, Diamantino Filipe Alpoim, *A dimensão coletiva: projeto de edifícios de equipamento. A arquitetura de igrejas. (Reabilitação da envolvente da Igreja da Memória)*, dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUTL, 2012.

O projeto megalómano para o Palácio Nacional da Ajuda, também de Manuel Caetano, encomendado por D.João VI, marca uma viragem na política régia, corporizada na arquitetura para a conversão da corte para as novas estratégias artísticas. O plano original de Manuel Caetano, que seguia tendências barrocas, poucos anos depois viria a ser substituído pelo dos arquitetos Francisco Fabri e José da Costa, numa tentativa de o modernizar e adaptar à nova corrente neoclássica.

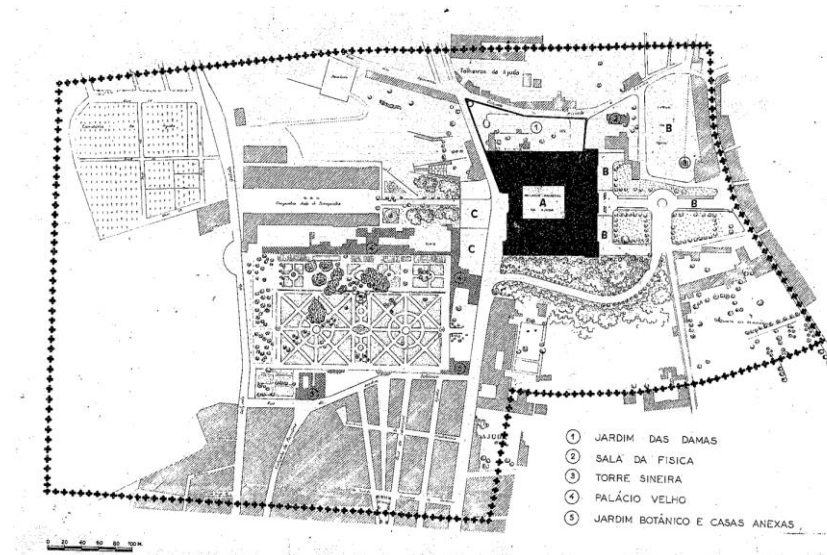


Fig. 3 - Planta do Real Palácio da Ajuda e as suas cercanias, autor desconhecido, s.d.

Devido à instabilidade gerada pelas invasões napoleónicas e a consequente fuga da corte para o Brasil em 1807, bem como as interrupções constantes na sua construção, o Palácio permaneceu muitos anos inacabado. É no reinado de D.Luís I que finalmente é conferida ao Palácio a dimensão de paço real, adaptando e fazendo obras na estrutura para acolher o novo monarca. Com a Implantação da República em 1910 e o exílio da família real, o Palácio foi encerrado e até hoje ficou por concluir.

No início da década de 1930 assiste-se ao lançamento do movimento modernista sob tutela de Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas, fundamental na construção de novas infraestruturas e obras públicas. Em 1934 é elaborado um estudo do Plano Geral dos Melhoramentos da Cidade de Lisboa, mas é só em 1938, com a contratação do arquiteto-urbanista Etiénne de Groer que se elabora um plano concreto para a cidade – o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa, terminado em 1948. Este plano teve muita importância para o desenvolvimento da zona da Ajuda porque se criaram bairros sociais como o do Alvito, o do Alto da Ajuda, o do Caramão da Ajuda e o da Boa Hora e ainda a plantação do Parque Florestal de Monsanto, afirmando-se como *grande pulmão verde* da cidade.

Entre 1979 e 1986 o Alto da Ajuda foi palco anual da Festa do Avante, com concertos e atividades de lazer, que se assemelharia hoje aos inúmeros concertos de Verão (e que foram a única iniciativa do

género em Lisboa durante quase uma década). Atualmente acolhe alguns pequenos festivais de música e festas académicas.

Em 1988 a Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, assessorada pela Associação de Arquitetos Portugueses, preparou um concurso público para o projeto de quatro faculdades – ISEG, ISEF, Veterinária e ISCSP – a construir nesta área e definida então como Pólo da Ajuda, retirando cerca de 56 hectares do perímetro do Parque de Monsanto.

A escolha do Pólo da Ajuda para este núcleo de faculdades tem por base um conceito modernista de *campus*, de inspiração anglo-saxónica, afastado do(s) centro(s) da cidade e marcado por edifícios isolados separados por grandes espaços verdes estabelecendo uma relação orgânica com o ambiente.

Apesar de este ser um lugar (ainda hoje) apartado do resto da cidade e com uma notória falta de desenho urbano, o Alto da Ajuda foi alvo de inúmeros planos e projetos realizados por alguns dos mais conceituados arquitetos portugueses, tais como Manuel Vicente, Gonçalo Byrne ou José Daniel Santa Rita Fernandes. No entanto de todos estes projetos apenas se realizou o do edifício do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), da autoria do Arq. Gonçalo Byrne., concluído em 2001. O ISEG e o ISEF foram construídos ou estruturados em pré-existências noutras zonas da cidade, originando uma distribuição dispersa do edificado da UTL, rompendo com a ideia original de um *todo*.

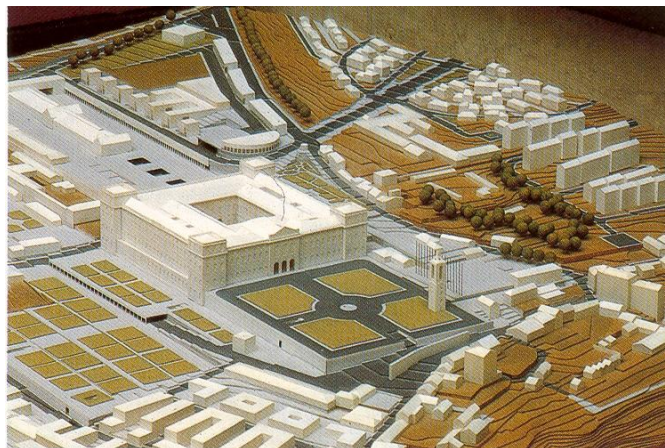


Fig. 4 – BYRNE, Gonçalo, Plano de Pormenor da zona da Ajuda, 1987-1992

Apesar do desenho do Campus Universitário da Ajuda se ter iniciado com o plano de Augusto Brandão quando este projetava a Faculdade de Arquitetura, com a mudança de políticas urbanísticas da Câmara Municipal de Lisboa, este foi entregue a Sidónio Pardal em 1993. O plano procurou impor ordem, volumetria e composição, mas ainda assim, nunca se concretizou.

Em 1994 o Plano Diretor Municipal de Lisboa define unidades operativas para a cidade, criando uma para o Pólo Universitário da Ajuda – a Unidade Operativa de Gestão Territorial (22) – que previa a

realização de um projeto de conjunto que definisse parâmetros de ocupação, integração na paisagem e articulação com áreas verdes.

O projeto que se propõe neste trabalho vai de encontro aos principais objetivos definidos no Plano Diretor Municipal atualmente em vigor (aprovado em 2012), o qual integra o Bairro da Ajuda numa Unidade Operativa de Planeamento e Gestão cujas principais linhas de ação passam por: “promover a requalificação comercial e do espaço público dos troços de maior densidade comercial; Valorizar o sistema de vistas da Frente Ribeirinha; (...) Reforçar o carácter do Parque Florestal de Monsanto, fortalecendo a sua articulação com o corredor ribeirinho através do Alto do Duque, com o corredor do Vale de Alcântara e ainda através do corredor do Rio Seco; (...)”.³

Atualmente é também palco de ocupação transitiva como sejam passeios a cavalo e treinos de cães da GNR, acampamentos de ciganos e apropriação de terrenos para hortas e atravessamentos de pastores com os seus rebanhos de ovelhas, cabras e até burros, o que demonstra uma ruralidade remanescente neste lugar.

Se o Pólo Universitário da Ajuda não se afirma como *campus*, tampouco se afirma como lugar na cidade. Vendo-se incompleto e com grandes áreas residuais enfrenta ainda outros vazios, de teor cultural, identitário, de usos, carências que alimentam e são alimentadas por uma *imagem* maioritariamente denegrada deste lugar que se cria à partida pela fraca acessibilidade, escassez de transportes públicos e má qualidade das vias.

³ PDM em vigor. Elementos constituintes. Lisboa: CML. 2012. disponível em WWW:<URL: <http://pdm.cm-lisboa.pt/>, [consultado em 2013-06-11]

III.1 Análise do lugar

Começando por analisar o lugar à escala urbana, com base no trabalho do urbanista Kevin Lynch (1918-1984), cuja obra de referência *The Image of The City* (1960) é dirigida ao habitante da cidade na medida em que formula critérios para a sua percepção. Como parte do seu estudo sobre a imagem mental que um cidadão possui sobre a sua cidade, concentrando-se na sua qualidade visual, Kevin Lynch conclui que a representação mental que temos de um lugar precede a experiência do mesmo.⁴ Para avaliar o seu conteúdo físico, Lynch definiu cinco parâmetros que pudessem ser comparáveis - caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos - que permitem que uma cidade tenha maior ou menor *imageability*.⁵

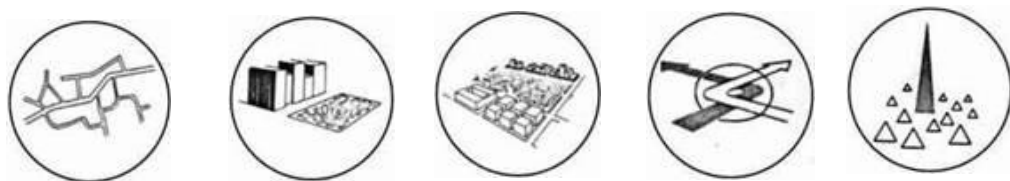


Fig 5 – Kevin Lynch, Parâmetros: caminhos, limites, bairros, vias, pontos nodais e marcos

Este conceito esquece intencionalmente questões como o significado associado a um lugar, a sua memória, função e até mesmo o seu nome e etimologia e limita-se aos elementos físicos, assumindo que a forma transmite, ou deveria transmitir, e reforça o seu significado, função e usos.

Ao procedermos a uma transposição deste modelo de Lynch para o Alto da Ajuda, conclui-se que a sua *imageability* é muito fraca: as vias apresentam demasiadas descontinuidades e uma escala exagerada, com efeito separador em que os edifícios parecem dispersos na paisagem; os bairros sociais (em particular o Bairro 2 de Maio) estão dispostos voltados para si mesmo, mostrando empenas cegas ao observador; os pontos nodais são consequência das vias descontínuas, e, por isso, não têm um encadeamento lógico nem seguem qualquer tipo de malha urbana agregadora; por fim, os marcos públicos como o Palácio Nacional da Ajuda, o Terreiro da Torre do Galo e o Pólo Universitário estão dispersos no meio desta sucessão de descontinuidades, de vazios residuais, aqui entendidos como espaços sobrance das diversas ocupações/construções, de lugares não habitados e usufruídos apenas no interior dos seus limites físicos.

Se assumirmos que vivemos numa sociedade de consumo na qual os objectos têm a capacidade maior ou menor de captar a atenção, em que a publicidade e a representação são fundamentais para a construção de dita imagem mental prévia que fazemos das coisas e dos lugares, poder-se-ia afirmar

⁴ LYNCH, Kevin, *The Image of the City* (Cambridge MA: MIT Press, 1960).

⁵ *Imageability*: qualidade de um objecto físico que lhe permite maior probabilidade de suscitar uma impressão mais forte ao observador. São a sua cor, forma e contexto que facilitam a sua identificação imediata, a sua legibilidade, visibilidade, aparência, LYNCH, 1960, p.17

que este é um lugar da cidade da qual genericamente se tem um *deficit* de imagem. ‘É perigoso andar ali a partir de certa hora, é um sítio complicado ali pra’ baixo’ são frases comuns que se transmitem à maioria dos estudantes e definem uma reputação do lugar, antes mesmo de se começar a frequentar o Pólo Universitário da Ajuda.

Foram recentemente feitas várias análises à zona do Pólo Universitário da Ajuda, no âmbito das teses de Mestrado realizadas na FAUTL, nomeadamente a dissertação intitulada *Repensar o Campus Universitário da Ajuda. Articulações Espaciais. Espaços de Relação*⁶ onde o autor sublinha a falta de relação entre este lugar e o resto da cidade, também resultante das sucessivas falhas no cumprimento de planos: “A intenção de estabelecer uma continuidade urbana com a cidade não se verifica e o local assume-se como uma ilha sem ligação com a envolvente.” Para conceber uma estratégia de intervenção realiza uma análise SWOT ao lugar, identificando as seguintes fraquezas: “vias mal planificadas; o espaço fragmentado e desconexo; carência de espaço público qualificado e zonas de lazer; carência de comércio, serviços, e zonas culturais e falta de segurança. (...)”, contrastando com potencialidades como o sistema de vistas, a relação visual com o rio, a proximidade com eixos viários importantes, boa exposição solar e proximidade com o Parque Natural de Monsanto.

Confirmando algumas das conclusões de Kevin Lynch sobre a percepção mental da cidade, Giandomenico Améndola acrescenta no seu texto *La Ciudad Postmoderna – Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea* (2000) que a imagem potencia (ou não) a experiência e socialização antecipatória de determinado lugar.⁷ Contudo, lugares que carecem na realidade de grandes operações de regeneração e requalificação urbanas, podem também ver a sua imagem melhorada ou, pelo menos, modificada, através de projetos que acrescentem ou alterem algo da sua ‘reputação’.

Um exemplo deste tipo de intervenções, o projeto da Biblioteca de Santo Domingo de Giancarlo Mazzanti em Medellín, na Colômbia, terminada em 2007, conseguiu não apenas uma nova imagem para o lugar, mas sobretudo trabalhar com a imagem negativa do contexto marginalizado onde se insere, abrindo portas a que essa (imagem) pudesse ser questionada.

Inserida no topo de uma *comuna*, num lugar muito degradado sem espaço urbano e caracterizado pela habitação excessiva ao longo de uma pendente natural com vistas sobre toda a cidade, a Biblioteca trouxe novas infraestruturas e tornou-se uma referência e um atração do lugar pela sua particularidade e sobretudo pelo seu contexto de inserção. Aliado à imagem, outra das características mais marcantes da

⁶ MARTINS, Rui Manuel Campos Araújo, *Repensar o Campus Universitário da Ajuda. Articulações Espaciais. Espaços de Relação*, tese de Mestrado Integrado, FAUTL, 2012

⁷ AMENDOLA, Giandomenico, *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo De La Metrópolis Contemporánea* (Celeste Ediciones, 2000)

época atual é, como refere Augé (1935-), o 'espetáculo específico' que se faz da história antiga, dos exotismos e das particularidades locais.⁸

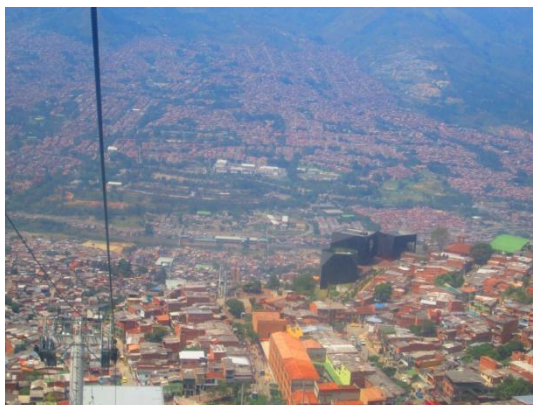


Fig. 6 - Biblioteca de Santo Domingo, Medellín, Colômbia

Note-se que esta referência é considerada apenas na óptica da imagem, isto é como conotação de um lugar e de como usar essa imagem como fator de atração sobre esse lugar. Neste caso particular de Medellín, porém, há população residente excessiva e abundantes infraestruturas, enquanto no Bairro da Ajuda a população é escassa, dispersam, e há uma notória falta de infraestruturas.

O facto de se poder aceder em Medellín através de um teleférico e 'sobrevoar' este lugar do qual existe uma *má imagem* torna-se uma experiência marcante, fora das rotinas do quotidiano, para além do facto que em si mesmo este dispositivo cria condições para que a população residente tenha acesso mais facilitado aos centros urbanos e poder assim suprir outras necessidades. Embora os contextos não se possam comparar directamente, enquanto conceito este projecto permite constatar que alguns dos vazios presentes – culturais, sociais, urbanos - podem ser abordados com uma intervenção que faça com que a imagem deste lugar seja não apenas a de um 'bairro de lata' como muitos outros, mas sim 'o bairro de lata com a biblioteca e uma vista privilegiada sobre a cidade'.

Propomos discutir a hipótese de o Pólo Universitário da Ajuda, aliado ao projeto das residências para estudantes poder, de modo análogo ao caso de referência, vir a transformar este lugar num lugar atrativo para se viver, potenciando o que de melhor existe como condição natural de base, e tirar partido dos fluxos de movimentação de estudantes que o frequentam.

⁸ AUGÉ, Marc, *Não-Lugares, Introdução a Uma Antropologia Da Sobremodernidade* (90 Graus Editora, 2005)

III.2 O Vazio

O principal foco de reflexão deste trabalho foi a exploração do conceito de vazio, partindo da sua definição literal (abaixo citada) e refletindo sobre o potencial que este encerra.

Vazio: '1. Que não encerra nada ou só ar. ≠ CHEIO 2. Que contém algo em pequena quantidade. ≠ ABUNDANTE, CHEIO 3. Cujo conteúdo foi retirado. = DESPEJADO 4. Que não é habitado ou frequentado. = DESABITADO, DESPOVOADO, ERMO ≠ CHEIO, POVOADO 5. Que tem falta de algo. = CARENTE, DESPROVIDO, DESTITUÍDO ≠ CHEIO 6. Que tem preocupações ou interesses de pouca utilidade ou importância. (...)'⁹

Cheio: '1. Que tem dentro tanto quanto pode conter. = REPLETO ≠ VAZIO 2. Que tem muito. ≠ VAZIO 3. Que tem em abundância. = ABUNDANTE, FARTO, RICO ≠ PARCO 4. Que tem grande volume ou é muito arredondado. = GORDO, REDONDO, VOLUMOSO ≠ MAGRO 5. Compenetrado. ≠ VAZIO 6. Coberto. 7. Cujo interior é maciço. = OCO ≠ COMPACTO 8. Que soa nitidamente. = FORTE, SONORO. (...)'¹⁰

Esta condição de 'encerrar' existe com a condição de *contido por cheios*, ou seja quando há um equilíbrio entre contentor e espaço contido. Porém, no Bairro da Ajuda esta situação não se verifica, pois há uma abundância de vazios para a quantidade de envolvente construída – será preciso criar essa condição para o desenvolvimento do projeto. É também importante clarificar que, para este trabalho, se procurou consolidar o vazio residual, isto é, o espaço sobranete, dando-lhe as características necessárias para que este se tornasse um vazio presente e deliberado (por oposição ao carácter accidental de um espaço sobranete).

Para além dos vazios físicos, também se abordou o *vazio comunicativo* que, como veremos, caracteriza também este lugar.

As cidades formaram-se preenchendo e densificando vazios ao longo do tempo. No processo de urbanização entendido por canónico, as cidades eram marcadas por uma intenção de continuidade e eram construídas a partir de uma imagem predefinida: "Cada nova construção surgia com a colmatação ou continuação do existente, como mais uma peça de um gigantesco *puzzle*. (...)".¹¹

⁹ Entrada "Vazio" em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=vazio> [consultado em 2013-04-10].

¹⁰ Entrada "Cheio" em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=ceio> [consultado em 2013-04-10].

¹¹ Portas, Nuno, João Cabral e Álvaro Domingues, *Políticas Urbanas II Transformações, Regulação e Projectos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005), p. 167

No entanto, a estrutura urbana atual nesta zona da cidade já não permite essa leitura de continuidade, tendo sido substituída por um conjunto de peças dispostas ao sabor de lógicas pontuais ligadas ou não entre si – descontinuidades.

“Deixamos de entender a aglomeração urbana como uma estrutura contínua com uma forma própria e reconhecível e passamos a vê-la como um sistema de relações entre peças autónomas, uma cidade individual (Hajer, 2001) formada pela coleção pessoal de unidades sem relação entre si para além do modo como cada indivíduo as agrupa com base nas suas práticas quotidianas e no seu imaginário. (...)”¹²

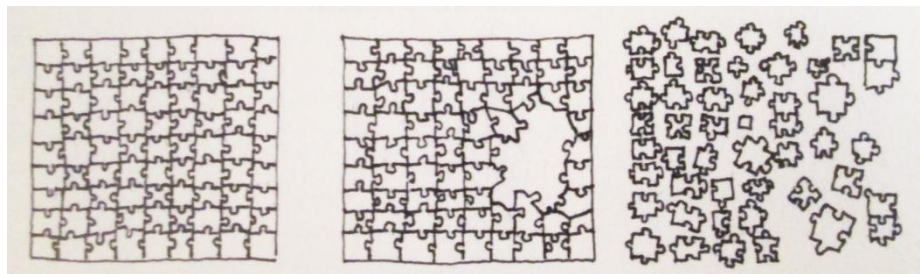


Fig.7- Puzzle da cidade - inserção de novas lógicas, em AAVV, *Políticas Urbanas II Transformações, Regulação e Projetos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005)

Seguindo este raciocínio, torna-se necessária uma adaptação ao contexto atual da cidade do *puzzle* disperso, descontínuo, procurando um novo jogo, com novas regras, que procure consolidar estas “peças dispersas”, desconectas da cidade compacta, dando-lhes significado e uso urbano. A Ajuda é um exemplo deste conjunto de peças soltas e desligadas entre si, o que torna pertinente a sua consolidação integrada.

Foi muito importante para o enquadramento do projeto entender esta questão da imagem de cidade compacta atual, que, marcada por uma sociedade cada vez mais individualista, urge descontinuidades capazes de aliviar tensões sociais e territoriais. No entanto, dado que o Alto da Ajuda é dominado por demasiadas descontinuidades, será necessário que estas não sejam apenas compostas de grandes vazios, mas sim de vazios definidos e consolidados por cheios (massas edificadas) que os contenham, e que estabeleçam uma clara noção dos seus limites. Até porque é na imagem do descontínuo, da exceção, que o indivíduo irá encontrar o seu significado subjetivo, o uso ou apropriação mais flexível e logo da apetência mais livre do espaço.

Entrando mais especificamente no conceito de vazio é preciso aclarar a nossa interpretação no âmbito deste trabalho. Entender-se-á aqui vazio como terreno de oportunidade, elemento regenerador e

¹² *ibidem*

impulsionador de cidade o qual deve por sua vez estar incluído no seu plano estratégico, em vez de ser residual, resultado sobranante de interstícios de fragmentos estruturados e que por ausência de continuidade caíem no abandono ou degradação. Ou como argumenta o Arq. José Mateus,

“Na cidade contemporânea um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, “obsoletos” ou marginais, que encontramos disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias. Formam uma verdadeira rede de hipóteses que, quando avaliadas em conjunto, podem produzir um profundo impulso reformador da cidade. (...)”¹³

São lugares com uma energia latente, que merecem ser preservados nas cidades como terrenos de possibilidade, nos quais pode observar-se reflexos de épocas passadas, como as suas ocupações e atividades. Estes são cenários expectantes de vida, identidade e significados e pela sua persistência assumem a qualidade de figuras.

Segundo Ángel Garcia-Posada, se por um lado, as construções (*cheios*) são quase ‘opacas’ para a transmissão de informação que transportam ao território onde assentam, os espaços vazios mostram-se translúcidos, registos permanentes da topografia modificada da cidade.¹⁴ O Palácio da Ajuda assume neste sentido enorme importância pela sua simbologia e lugar na cidade, ganhando também imponência pela sua envolvente pouco construída e com espaços verdes.



Fig. 8 – Palácio Nacional da Ajuda e vazio envolvente

¹³ MATEUS, José, *Vazios Urbanos - Trienal De Arquitectura De Lisboa 2007* (Lisboa, Caleidoscópio, 2007), p. 13

¹⁴ MARTINEZ GARCIA-POSADA, Ángel, “Espacios Potenciales - Congreso Nacional Del Medio Ambiente” (Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla, n.d.).

Muitos destes lugares despertam algum fascínio pela sua característica de registo histórico e espaço de oportunidade. Foi a partir de situações de uso de lugares urbanos e seus despojos que o artista Andreas Gefeller realizou o seu trabalho fotográfico *Supervisions* (2002) com o qual pretende provocar uma *awakening curiosity* para a utilização e história dos habitats urbanos.¹⁵



Fig. 9 – *Supervisions*, Andreas Gefeller, Dusseldorf, 2009

Também numa entrevista do realizador alemão Wim Wenders (1945-) com Hans Kollhoff acerca do seu filme *As Asas do Desejo* (*Der Himmel über Berlin*, 1987), este comenta a escolha de um lugar 'de ninguém', a partir do qual existiam vistas completamente diferentes, vistas do passado e do que sobrava dele. Durante semanas procurou o lugar mais adequado para filmar as cenas do circo – palco de transformações – e escolheu Friedrichstadt, a sul de Berlim, também por sua vez ilustrativo das transformações que a cidade foi sofrendo.



Fig.10 – Friedrichstadt, Berlim, *As Asas do Desejo*, dir. Wim Wenders (1987)

Este foi o lugar que mais o impactou:

¹⁵ GEFELLER, Andreas, *Supervisions*, 2002, <http://www.andreasgefeller.com/supervisions/works>, [consultado em 2013-04-18]

“Escolhi este lugar precisamente pelo seu acentuado isolamento, pela sua qualidade de único, especialmente em Berlim onde se pode encontrar qualquer coisa imaginável e onde teve lugar uma transformação tremenda. Na cidade como centro centrífugo, aquele era o núcleo mais tranquilo, o olho do furacão. (...)”¹⁶

Esta ideia de ‘olho do furacão’ alude mais uma vez à noção de contido, de vazio envolvido pelo cheio, condição salvaguardada na existência de ambos, que não é o caso na zona da Ajuda, marcada por vazios não contidos e não equilibrados com a envolvente construída.

Existem vazios estruturados – praças, terreiros, jardins – e outros não-estruturados, obsoletos, que no entanto poderão ser consolidados mantendo a sua condição de vazios – e desse modo integrar e considerar as descontinuidades como fundamentais: “Contrariando a leitura do termo vazio como algo que é absolutamente preciso preencher, procura-se o encontro de argumentação que sustente a construção de cidade salvaguardando e consagrando a condição de vazio.”¹⁷

Gerar descontinuidades, vazios, quer sejam os espaços entre edifícios ou as praças influi na flexibilidade que estes permitem às atividades quotidianas. No domínio urbano, estas descontinuidades tornam-se uma ‘válvula de segurança’ social para a densidade populacional de importância política, cerimonial e económica. Segundo Monica Smith, como resultado da sua flexibilidade, um espaço vazio assume códigos de comportamento diferentes de acordo com a frequência e tipo de apropriação (por exemplo numa corrida é comumente aceite que se atirem garrafas de água para o chão durante o acontecimento).¹⁸

Um vazio, pela sua falta de definição, será em princípio menos controlado - podendo ter consequências positivas ou negativas – e, quanto mais controlado for, menor a abrangência de usos que permitirá e maior a necessidade de o supervisionar.

O espaço não construído, aberto, torna-se um elemento psicologicamente necessário na relação com o espaço construído, especialmente nas cidades marcadas por alta densidade populacional em que este é dominante.

Esta necessidade do descontínuo é também abordada por Kevin Lynch no seu *Wasting Away*, em que o autor salienta o agradável que é habitar as ruínas, os lugares abandonados, despojados, pela liberdade que permitem por serem ‘território de ninguém’, e o prazer que o indivíduo pode retirar desse *destruído*

¹⁶ KOLHOFF, Hans, entrevista a Wim Wenders em “La Ciudad. Una Conversación”, Revista *Quaderns* 177 (Abril, Mayo, Junio): 42–81. *Elegí este lugar precisamente por su marcado aislamiento, por su calidad de único, especialmente en Berlín donde se puede encontrar cualquier cosa imaginable y donde tuvo lugar una transformación terrible. (...) En la ciudad como centro centrífugo, aquello era el núcleo más tranquilo, el ojo del huracán. (...)* . t.a.

¹⁷ NUNES, João, *Vazios Urbanos - Trienal De Arquitectura De Lisboa 2007* (Caleidoscópio, 2007), p.144

¹⁸ SMITH, Monica L., “Urban Empty Spaces. Contentious Places for Consensus-building”, *Archaeological Dialogues* 15 (2), (Cambridge University Press, 2008), p. 216–231.

ambíguo do 'usado' e 'por usar', talvez pela dimensão que ganha o seu imaginário ao projectar-se a habitar aquele espaço.¹⁹

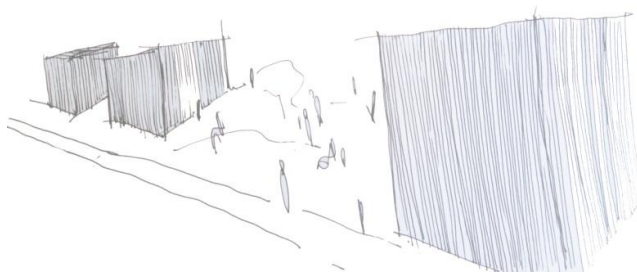
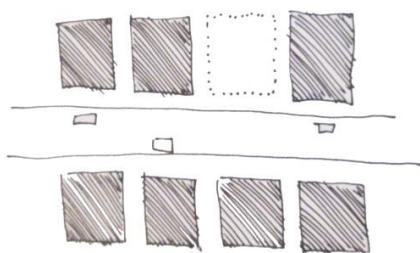


Fig. 11 - o vazio como exceção, desenho da autora (d.a) Fig. 12 - o habitar de um vazio, d.a

Entrando no campo de intervenções recentes que podem de certa forma assemelhar-se a esta ideia de vazio aplicada ao projeto de arquitetura existem alguns projetos que não podem deixar de ser referidos, muito embora sejam menções que apenas se relacionam com o projeto nalguns dos seus aspetos e não na globalidade do tema e do programa.

Temos, como primeiro caso e exemplo, a *Casa das Mudás* (2004), na ilha da Madeira, da autoria do Arq. Paulo David do atelier PROAP - este é um projeto que joga com os desníveis naturais do terreno, e oferece um 'prolongamento' visual até ao mar, através da homogeneidade material e do desenho de linhas verdes que se direccionam para o horizonte. O desenho e manipulação da cobertura, trabalhada com a topografia natural, ganham muita importância na construção do *vazio* que se procura para este trabalho. O edificado surge por baixo da construção deste 'quinto alçado' que nos dá uma perspectiva imediata de espaço não edificado, realçando o que de melhor existe no lugar, a paisagem.



Fig 13 - Casa das Mudás, Paulo David, 2004

¹⁹ LYNCH, Kevin, *Wasting Away* (San Francisco: Sierra Club Books, 1990).

A abordagem ao 'quinto alçado' também é imperativa no projeto de renovação da Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) de Alcântara (2011), da autoria dos arquitetos Aires Mateus e Frederico Valsassina em conjunto com o atelier PROAP de paisagismo. A solução dilui a intervenção na paisagem, preservando a leitura de um espaço verde contínuo que, no entanto, é cromaticamente descontínuo, aludindo às hortas urbanas, estruturas de ocupação espontânea nas margens da rede viária e zonas habitacionais.

O projeto analisou o território natural e construído da envolvente, e procurou dar ênfase ao vale enquanto sistema natural de drenagem e restituir o coberto vegetal que tem vindo a ser substituído por vias e infraestruturas.



Fig. 14 - *ETAR Alcântara*, Frederico Valsassina e Aires Mateus, 2011

Em ambas intervenções construídas, o vazio é tido não como uma ausência, um 'retirado de' ou algo por preencher, mas sim como uma ideia construída de espaço aberto que permite a continuidade das vistas e da paisagem, contendo o edificado e ao mesmo tempo restabelecendo/mantendo a caracterização natural e contexto do lugar onde se inserem. E este também é um espaço e função carregada de negatividade e reputação desagradável, embora de outra ordem.

III.3 Habitação Temporária

Como última componente de estudo deste trabalho foi abordada a questão da habitação temporária, relacionando o projeto com as necessidades e expectativas do estudante universitário da sociedade contemporânea.

Judith Thomsen conclui, no seu texto *Student Housing – Student homes? Aspects of student housing satisfaction*, que a abordagem à habitação temporária pode ter várias perspectivas: em campos como o planeamento urbano, a geografia e a política da habitação. A localização de residências pode ter fortes consequências na estrutura social urbana de determinados lugares.²⁰ Outra perspectiva fala-nos de questões de conceção destas habitações para o estudante universitário contemporâneo. Aqui é fulcral o estudo da célula, ou o módulo-tipo para este tipo de habitação.

Uma importante característica da habitação para estudantes é o seu carácter temporário. A situação de *transição* em que se encontram os estudantes pode levar a que a qualidade da habitação para estes seja tida como sendo de menor importância (do que seria a sua habitação permanente). Judith Thomsen trabalha estas questões mostrando o contexto norueguês: num artigo de um jornal defendia-se que a construção em bloco de células com pequenas áreas já não tinha qualidade suficiente pois, apesar do aspeto temporalidade, os estudantes deveriam ter direito a tanta qualidade quanta teriam numa situação permanente. Muito embora o contexto português seja diferente do norueguês, projetar um espaço temporário que permita o desenvolvimento de um sentimento de pertença é um dos desafios a que se propõe este trabalho.

O sentimento de pertença e apropriação de um espaço que o indivíduo sabe à partida que só irá habitar num limitado espaço de tempo pode ser entendido como parte da experiência da casa, do lar – vai além dos aspetos práticos associados à forma – o indivíduo tem de conseguir conferir ao lugar um significado pessoal com o qual se identifique e relacione. Transformar uma casa num lar depende de um processo de expressão pessoal e personalização do espaço. Judith Thomsen coloca uma importante questão: será que os estudantes esperam criar esse tipo de relação com o lugar, esperam sentir-se em casa? É necessário refletir sobre como o aspeto da personalização e desenho da célula influenciam a sua experiência temporária.

Podem existir duas expectativas para o estudante comum: pode, por um lado, sentir que a casa dos pais é um lugar de controlo e restrição e nesse caso a habitação temporária é uma oportunidade de expressão e adaptação pessoal do espaço; por outro lado, outros terão mais liberdade de personalização na residência tida como permanente onde lhes é permitido o uso do seu espaço – geralmente o quarto – sem restrições. Embora esteja a ser referenciado um estudo sobre o contexto familiar norueguês, existe a noção de que esse é bastante diferente do português: em geral os jovens

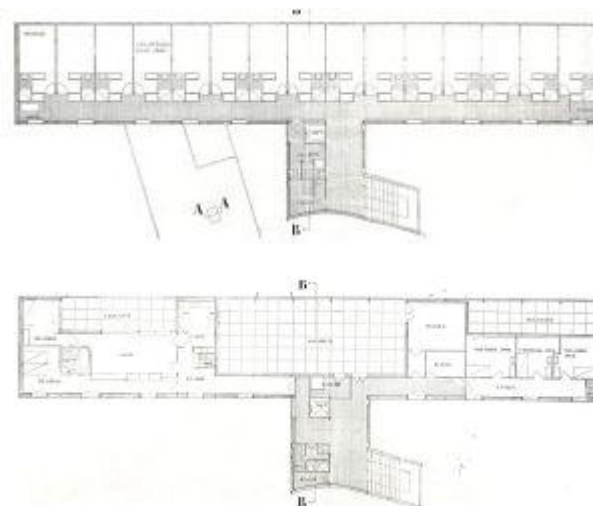
²⁰ THOMSEN, Judith, *Student Housing – Student Homes?: Aspects of Student Housing Satisfaction* (Fakultet for arkitektur og billedkunst, 2008)

em Portugal saem de casa dos pais (apenas) após a conclusão do curso, enquanto na Noruega e na maioria dos países nórdicos é frequente que o estudante saia ao entrar na faculdade (este dado está relacionado, entre outros, com o facto de os estudantes entrarem também no mercado de trabalho quando iniciam a vida universitária). Este dado conduz-nos a uma outra questão – qual a população alvo? Sendo que a maioria dos jovens em Portugal estudam na cidade onde cresceram e tendem a viver com os pais até terminarem o curso, as residências serão mais procuradas por estudantes que venham de outras cidades e de outros países (o programa Erasmus e Erasmus Mundus traz cada vez mais estudantes estrangeiros) ou tenham maiores dificuldades económicas, adquirindo o estatuto de bolseiros.

A residência permanente de um estudante acaba por ser, na maior parte das vezes, a casa de família, e portanto a habitação temporária pode ser vista como uma fase intermédia entre o 'sair da casa dos pais' e encontrar residência própria após conclusão dos estudos. Isto partindo do princípio que a maioria dos estudantes são jovens entre os 18 e os 25 anos, não excluindo que cada vez mais estudantes são de outra faixa etária (vivendo ou não em família) ou até mesmo pessoas da 3ª idade.

Residências para estudantes podem significar um bom investimento económico sendo que atualmente a mobilidade estudantil é muito mais frequente e abrangente não só a nível nacional mas também internacional, jogando com fatores como localização, tipologia dos quartos, qualidade dos espaços e preço de aluguer.

A referência mais estudada em termos de programa (habitação para estudantes) foi o Pavilhão Suíço de Le Corbusier (1887-1965). Inserido em contexto urbano, na Cidade Universitária em Paris e concluído em 1932, procurava oferecer habitação com qualidade para os estudantes estrangeiros e a interação internacional. A pertinência desta referência para este trabalho, para além de ser um exemplo seminal, deve-se à estrutura do seu programa em termos de distribuição vertical e horizontal – pisos com galerias de acesso aos quartos e instalações sanitárias comuns e uma maior concentração de espaços de permanência num só piso.



Tomou-se como referência para o estudo da célula as residências de estudantes do Campus II da Universidade de Coimbra da autoria da dupla de arquitetos Francisco e Manuel Aires Mateus, concluída em 1999. A célula é partilhada entre dois estudantes, permitindo que estes tenham o seu espaço privado (dormir, estudar) e as zonas frias (kitchenette e instalações sanitárias) partilhadas. Na situação económica atual esta característica de poupança pela partilha de espaços servidores é bastante importante pois permite a redução dos custos de construção e soluções mais sustentáveis, podendo eventualmente vir a diminuir o custo de aluguer de um quarto. A partilha de instalações sanitárias consegue ser generosa nesta proposta compartimentando a casa de banho em duas, permitindo assim o seu uso simultâneo.



Fig. 16 – Célula habitacional dupla, Campus II da Universidade de Coimbra, Aires Mateus, 1999

A partir da minha experiência como aluna de intercâmbio internacional, penso que o sentimento de ‘casa’ ou de um espaço que permita apropriações que o tornem mais confortável e familiar psicologicamente é de grande prioridade ao chegar a uma nova cidade. A identificação de um espaço reconhecido como pessoal e o sentimento de posse de um compartimento (mesmo que seja um quarto numa casa partilhada) são muito importantes para o processo de adaptação e integração na cidade. Pode-se concluir a partir desta reflexão que a qualidade e flexibilidade do espaço são assim determinantes para a experiência da cidade.

IV. Metodologia

Para abordar as questões de trabalho propostas, a metodologia utilizada foi uma combinação entre os conceitos e literatura estudados e uma hipótese de abordagem formal ao projeto das residências.

A primeira fase foi efetuar um estudo de toda a área de intervenção – o seu percurso na História, estrutura verde, as materialidades, os monumentos e a população residente. Tendo em conta o desejo passado de transformar a Ajuda num lugar ‘digno de realeza’, a localização do projeto das residências foi pensada de modo a estabelecer um sistema de relações entre o Pólo Universitário e a parte histórica - o Palácio Real da Ajuda e o Terreiro da Torre do Galo.

A análise a esta zona foi de antemão feita com uma perspectiva que abordou a temática dos vazios, isto é, foram identificados e categorizados todos os vazios presentes na área, estruturados ou não, o seu estado de manutenção e usos e apropriações atuais. Este trabalho baseou-se principalmente em fotografias, idas ao terreno, desenhos *in loco* e imagens aéreas – complementado com a investigação histórica. Foi a partir desta análise de vazios e zonas fragmentadas que se construiu uma proposta urbana na qual, para além das residências, se contemplou uma extensão à Faculdade de Arquitetura, um novo edifício para a Reitoria da UL e outros serviços, alterações aos acessos e caminhos e consolidação de espaços residuais.

Na fase da proposta urbana procurou-se encontrar uma estratégia de intervenção para os espaços vazios, caracterizando-os e consolidando-os o mais proximamente possível ao uso que a população residente necessita e integrando-os num plano global que os relacionasse quer fisicamente quer conceptualmente. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de *campus* e como é que este se poderia aplicar ao Alto da Ajuda, sendo esta uma importante componente da proposta urbana.

O projeto das residências de estudantes e a sua localização na cidade e/ou na envolvente do *campus* entrou também nesta fase, entendendo qual o seu papel no campus e no Bairro onde se insere.

Para a elaboração da proposta arquitetónica foi feita uma investigação bibliográfica e documental sobre a interpretação de um espaço vazio e de como este se pode transmitir já na fase de projeto, pela forma, matéria, caracterização, uso. A abordagem formal e conceptual ao projeto fez-se através da experimentação pelo desenho, para um confronto com várias possibilidades e transmissão de ideias.

Foi também de grande relevância o estudo aprofundado da célula habitacional, a sua flexibilidade na apropriação e personalização assim como as relações que permite entre espaço privado e espaço público e espaço servido e espaço servidor. O estudo da célula esteve igualmente relacionado com

uma investigação sobre os modos de habitar dos estudantes da sociedade contemporânea e como estes se apropriam de um espaço na qualidade de população flutuante.

V.1 Proposta Urbana

A solução de conjunto para a zona de intervenção – o Bairro e o Pólo Universitário da Ajuda – procurou adequar os temas de investigação anteriormente enunciados aos problemas existentes identificados, através de um ajuste constante entre os temas trabalhados individualmente e a sua sobreposição simultânea sobre o terreno.

Considerando a necessidade urgente de requalificar e regenerar esta zona no sentido da sua afirmação como novo lugar na cidade, foi feita uma análise às zonas fragmentadas e espaços expectantes para detetar dinâmicas e potencialidades de intervenção nestes mesmos espaços.

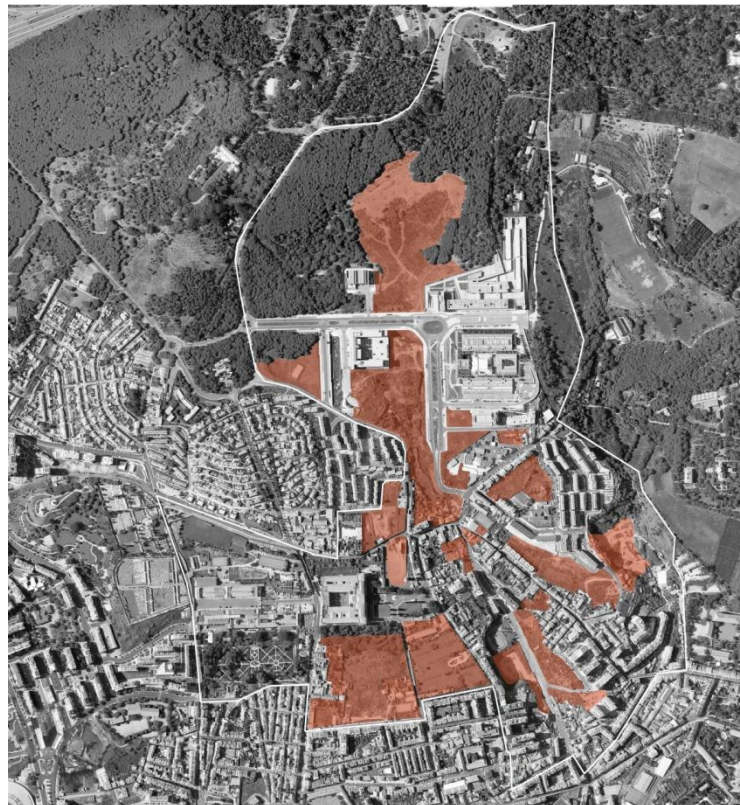


Fig. 17 - Análise de Vazios da área de intervenção, Bairro e Pólo Universitário da Ajuda

Como demonstrado na Figura 17 (acima), é notória a abundância de espaços vazios, na sua maioria espaços não programados sobrantes da envolvente construída (residuais), sem qualquer tipo de apropriação ou manutenção. Esta proposta pretende, por um processo de geometrização, consolidar cada um desses vazios procurando dar-lhes sentido no seu todo e no enquadramento específico de cada um. Pretendeu-se também que fosse um vínculo físico que, incorporado no urbano, criasse uma maior movimentação dos estudantes para fora do núcleo universitário.

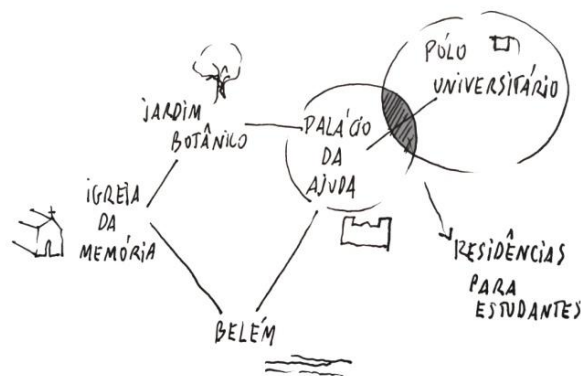


Fig. 18 – Esquema de localização das residências, d.a

Apesar da abundância de espaço residual, há falta de espaço público de permanência, edifícios para habitação, equipamento público e serviços. A proposta urbana prevê como gesto dominante a consolidação de dois vazios principais como espaço público: o vazio dos universitários e o vazio das residências. Também propõe espaços vazios com outras valências: um vazio arqueológico, onde se situa a antiga pedreira na Rua do Rio Seco; um vazio das hortas onde se cria um espaço de jardins vegetais comunitários; um vazio para a infância com um parque e zonas verdes na envolvente da escola primária da Rua do Casalinho da Ajuda, e ainda zonas destinadas a habitação para colmatar a falta de população residente nestes bairros.

Sendo um dos principais problemas a falta de coesão entre as faculdades que constituem o Pólo, propõe-se a criação de uma plataforma-praça abaixo do ISCS e da Faculdade de Arquitectura como espaço de encontro e interacção entre os estudantes, limitada por um novo edifício para serviços académicos e a cantina universitária. Este vazio ganha importância pela sua horizontalidade que 'corta' com os acessos e a estrutura verde longitudinais, com origem no Parque de Monsanto. Também se inclui na zona universitária uma extensão à FA-UTL, com a introdução de um novo edifício ao qual se acede pela cobertura e que nasce da cota 114 (cota de entrada do edifício 6).

O vazio das residências resulta do prolongamento do Terreiro da Torre do Galo até ao Bairro 2 de Maio, limitando-o através dos edifícios-residência. Este espaço ganha a característica de 'ansioso', espaço indefinido na sua condição de uso, ocupação, de ambiguidade espacial entre 'contido' e os cheios. Estabelece uma plataforma com vista limpa para o Palácio, para a cidade e para o Rio Tejo.

V.2 Proposta Arquitetônica

A decisão de localizar as residências de estudantes nos limites do Bairro 2 de Maio procurou criar condições para um maior fluxo de movimentos dos estudantes para os bairros envolventes, potencializando novos percursos e colmatando uma parte da falta de serviços em falta como cafés, comércio e espaço público exterior. Apesar de, no geral, este tipo de programas não serem tão necessários em residências de estudantes, pois já são edifícios com bastantes dinâmica e movimentação, neste lugar seriam muito importantes para a comunidade e para a colmatação de algumas das suas carências.

O maior desafio deste trabalho residiu na interpretação do vazio e de como é que este poderia ser, de facto, estruturante. A palavra 'vazio', como já foi discutido no capítulo número III - Estado da Arte, significa, num primeiro momento, algo negativo. No entanto, a reflexão fez-se pensando que se este é um território dominado por vazios poder-se-ia contemplar a hipótese de essa ser a característica identificável do Bairro e Pólo Universitário da Ajuda, de esse ser o seu 'exotismo'²¹ e a sua atração como lugar – obviamente consolidando e conferindo continuidade a estes vazios. Na cidade contemporânea os vazios são cada vez mais escassos e no entanto cada vez mais necessários para o equilíbrio psicológico e emocional dos indivíduos²², para além de representarem um suporte histórico às transformações que este bairro sofreu ao longo do tempo. A grande pergunta inicial deste trabalho refletiu-se assim na possibilidade de construir cheios num lugar mantendo ao mesmo tempo a sua condição de vazio, sendo que o vazio se converte em oportunidade de espaço exterior, livre, palco ao convívio.

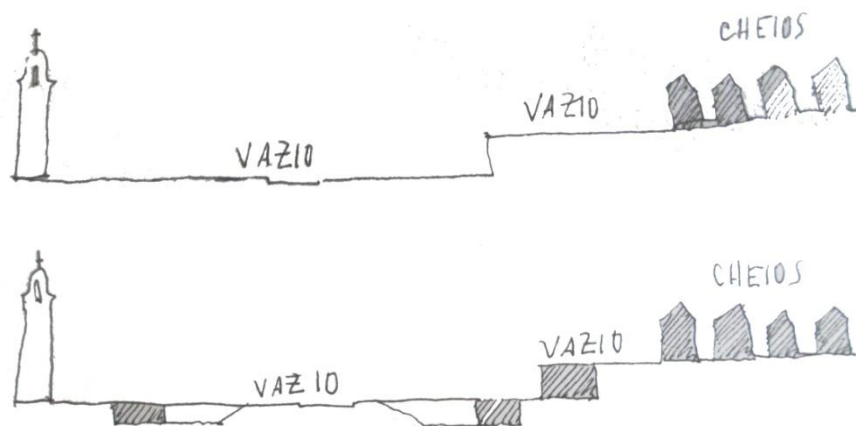


Fig. 19 - Interpretação do vazio (antes e depois da intervenção), d.a

²¹ AUGÉ, 2005, p.92

²² Empty space is the necessary psychological correlate of the built environment, evident in the development of cities as places where intense habitation is interspersed with open areas. L.SMITH, Monica, "Urban Empty Spaces. Contentious Places for Consensus-building", *Archaeological Dialogues* 15 (2), (Cambridge University Press, 2008), 216–231.

Neste esquema conceptual, é clara a intenção de manter desimpedidas as relações visuais, optando por edifícios semienterrados cuja cobertura é pode ser percorrida, conservando a característica topográfica atual de plataforma.

O processo de conceção formal passou por uma metodologia ligada ao desenho livre, à mão levantada, ensaístico e perspéctico, que permitisse formular possibilidades num sistema de tentativa-erro. Após a experimentação pelo desenho, procedeu-se à realização de um conjunto de maquetas de estudo para uma análise tridimensional mais incisiva e completa.

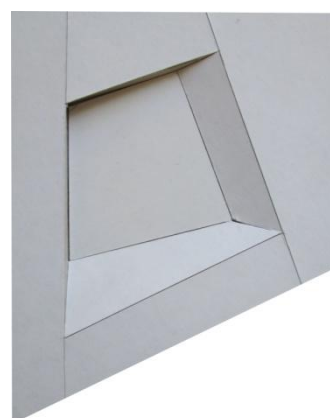
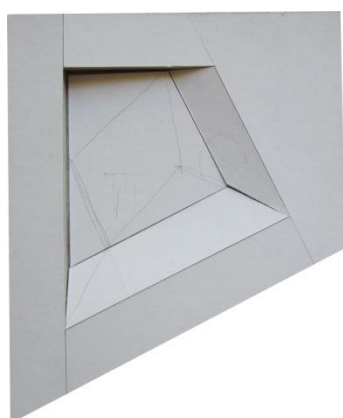
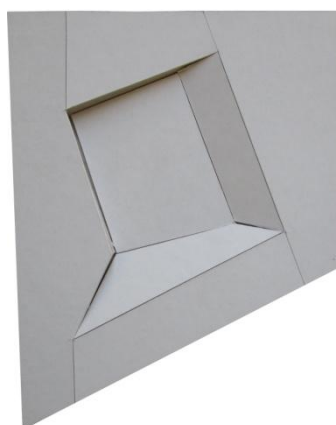


Fig. 20 – exploração do vazio - maquetas de estudo

A definição dos limites do vazio foi determinante para a orientação formal dos cheios – as residências – que formam um perímetro à volta do vazio, nascente no limite do atual Terreiro da Torre do Galo e que vem terminar nos limites do Bairro 2 de Maio. Começando por nivelar a zona de implantação pela sua cota mais alta, criou-se uma massa poligonal, à qual se retirou a forma geometrizada do vazio procedente do Terreiro da Torre do Galo.

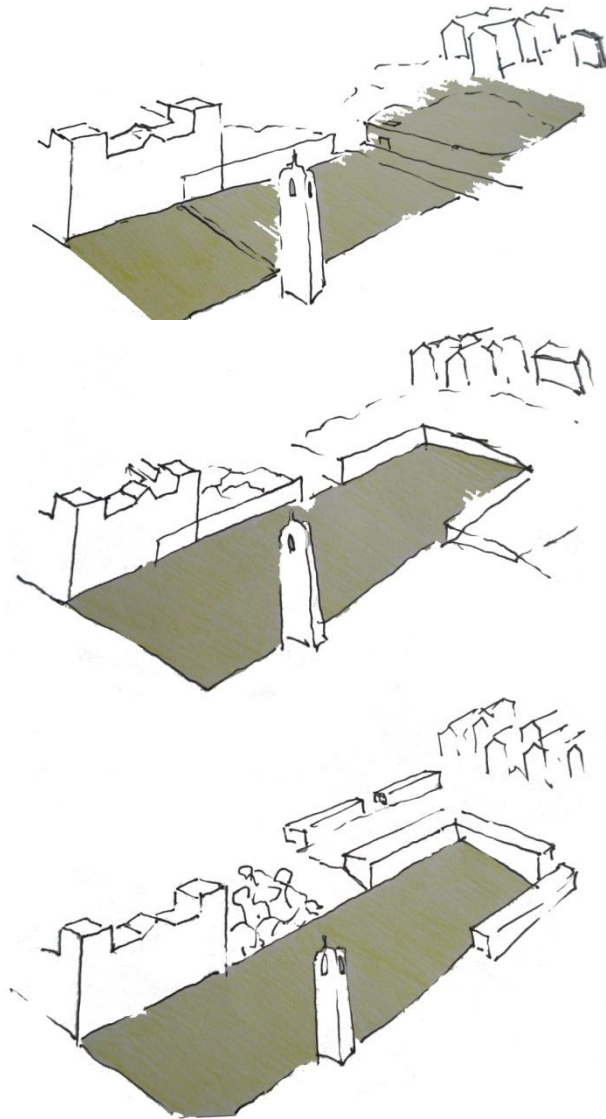


Fig. 21 – processo de criação do vazio e das residências, d.a

As faces interiores resultantes deste processo de subtração têm uma cor clara, com o pigmento do revestimento em pedra lioz, que as distingue das restantes fachadas não seccionadas por este vazio.

Para que tivessem uma relação direta com o Palácio Nacional da Ajuda, estes painéis pré-moldados evocam um desenho original de uma fachada do Palácio (fig.22), através da sua apropriação e simplificação e posterior 'impressão' do seu sistema construtivo (alvenaria de pedra) nos painéis de betão. Este processo procurou consolidar e acentuar a escala do Palácio e a sua relação com as residências e o lugar onde se inserem.

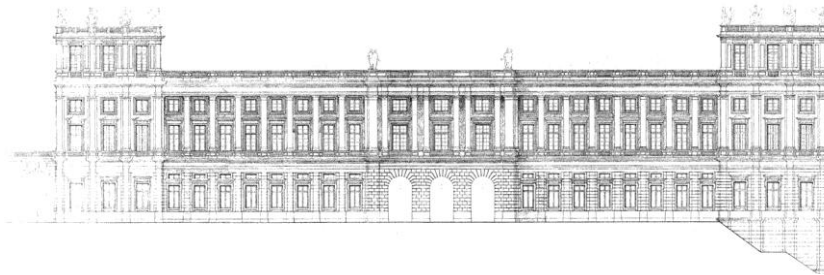


Fig. 22 – Alçado Poente do Palácio da Ajuda, Manuel Costa Silva e Francisco Xavier Fabri, séc. XIX

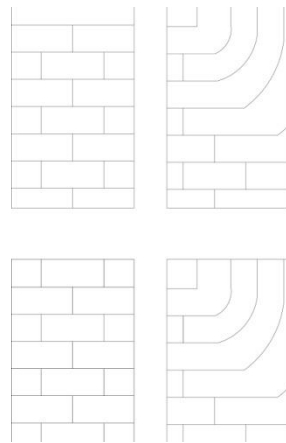


Fig. 23 – Painéis de betão pré-moldados com os desenhos do palácio, d.a

As fachadas 'excluídas' por este limite do vazio (assim como as dos restantes edifícios do conjunto de residências), embora revestidas pelo mesmo material (painéis de betão pré-moldado), terão um tom cinzento mais escuro, reforçando a continuidade da matéria 'dentro' deste vazio.

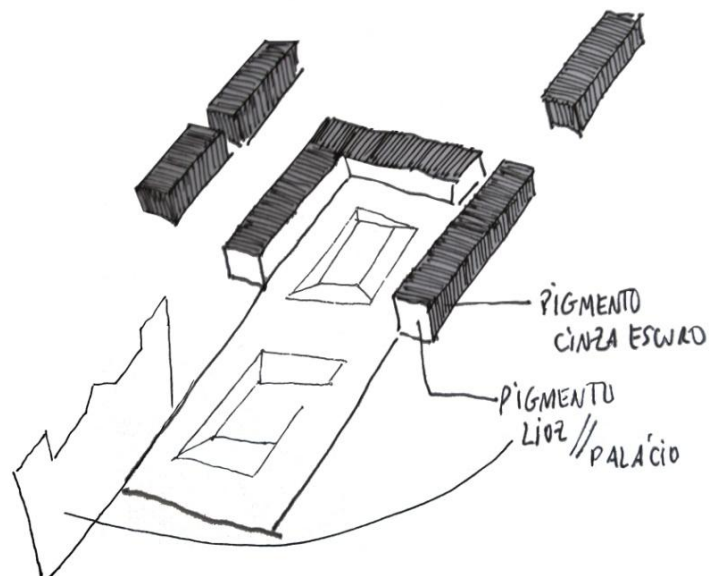


Fig. 24 - Materialidade – esquema conceptual, d.a

O vazio resultante é um espaço livre público dotado de programas como serviços, cafés, comércio, espaços de estudo - um espaço 24h para todos os estudantes das faculdades que constituem o Pólo – aproveitando desta forma os recursos, constituindo também lugares de lazer e actividades culturais. As pendentes são, para além de um acesso aos programas que se encontram no nível inferior, espaços de permanência com vistas direccionadas para o Palácio, a Torre do Galo, o Parque Monsanto e o rio.

O conjunto habitacional forma um total de seis edifícios com a capacidade para aproximadamente 150 estudantes (prevendo a sua ocupação máxima). Este é um número variável pela flexibilidade que permite a célula habitacional desenvolvida. A distribuição horizontal faz-se a partir de uma galeria que dá acesso às habitações e zonas comuns e a distribuição vertical é assinalada por clarabóias na cobertura, assegurando maior entrada de luz para os pisos inferiores que se encontram muitas vezes semi-enterrados.

Ao nível de piso térreo os edifícios têm serviços de restauração e/ou cantinas, para além de uma lavandaria e outros serviços e comércio. Dado que existem algumas habitações nos pisos térreos, estes estão a uma cota acima das cotas das ruas, para atenuar a relação muito próxima com estas. Esta diferença de alturas também confere ao edifício uma ideia de leveza, de uma certa suspensão da sua horizontalidade.

Tendo em conta as diferentes possibilidades económicas dos estudantes no actual contexto socioeconómico, desenvolveram-se três células habitacionais: uma dupla, uma individual e uma para investigador.

A célula dupla, ainda que partilhada, procurou que o espaço fosse flexível ao ponto de permitir a segmentação do quarto, e através de uma cortina rebatível poder fechar ou abrir totalmente o espaço mais privado. Este sistema permite o funcionamento de alternativas diversas em que os dois estudantes tenham momentos de privacidade e recolhimento, facilitando as actividades do quotidiano como dormir, vestir ou estudar, ou pelo contrário promovendo o convívio entre ambos. A casa de banho também se encontra dividida, para que também ela possa ser usada em simultâneo. Para além da pequena zona de preparação de comida dentro da célula, existe uma cozinha comum para cada três quartos, aproximadamente, na qual os estudantes têm também um ponto de encontro e convívio alternativo.

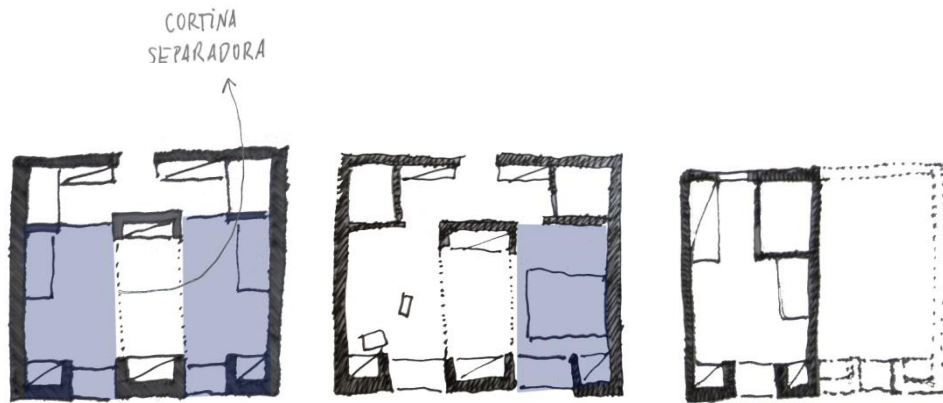


Fig. 25 - Três variantes da célula - dupla; investigador/apartamento; individual, d.a área privada

A célula-apartamento, destinada aos investigadores, deriva diretamente da célula dupla, variando apenas a sua organização interna. Esta foi pensada para a possibilidade do(a) investigador(a) poder viver nas residências com a família (conjugue e, no limite, um dependente menor), e poder, ainda que num espaço reduzido, habitar um espaço semelhante a um fogo familiar. A célula individual resulta também ela da célula dupla, por fragmentação em metade desta base continuando a assentar na sua organização espacial interior.

Sendo que a célula pode ser adaptada a duas pessoas ou a um investigador com família, o número de estudantes total albergado nas residências é variável, dependendo do critério de ocupação e/ou do tipo e quantidade da procura. No entanto foi prevista uma maior percentagem de quartos duplos, tendo em conta a situação económica atual e a maximização da ocupação dos restantes espaços presentes nos edifícios. Tal como é feito em muitos *Colleges* ingleses, estes quartos podem ser alugados a turistas, congressistas ou a professores/investigadores, maximizando desta forma o uso fora do período letivo oficial.

Quanto à materialidade, existe uma distinção marcada na zona de entrada, em que se cria a ideia de um armário contínuo, todo revestido a madeira, dissimulando as entradas nas instalações sanitárias e nos quartos. A partir desta antecâmara entra-se num espaço diferente dominado por betão e branco, sendo que as paredes interiores são em Pladur e o teto e o pavimento em betão à vista. Nas varandas as paredes exteriores são revestidas a azulejo Viúva Lamego (AV Branco), que lhes dará permeabilidade e reflexão da luz para o interior, para além da decorrente contextualização cultural e arquitetónica deste material.

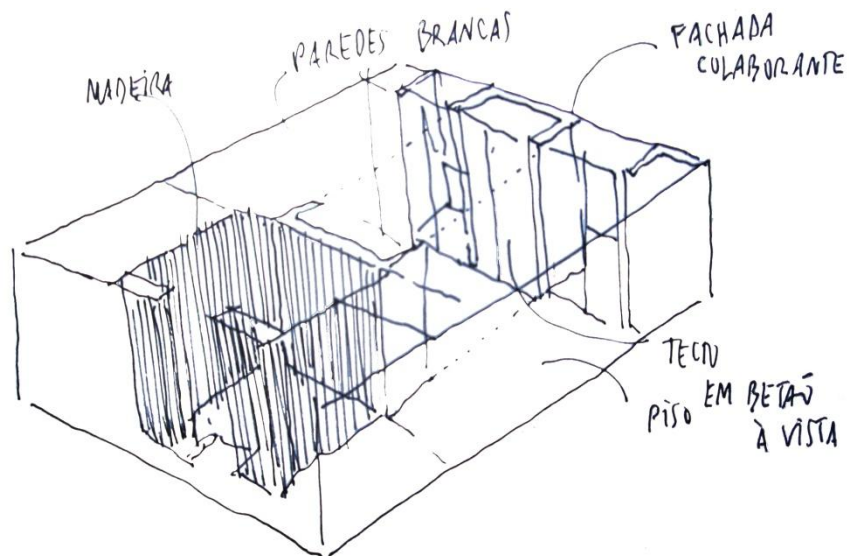


Fig. 26 – Esquema de materialidade da célula habitacional, d.a

A fachada exterior, ao 'contrair', cria um nicho-armário e nas suas interrupções ganha alguma profundidade, o que permite pequenas varandas nos vãos que facilitam atividades do quotidiano como secar e arejar roupa, e ainda possibilita a permanência em espaço exterior, intensificando a relação visual com o espaço público envolvente.

VI. Conclusão

O projeto das residências de estudantes apelou a uma reflexão sobre o Bairro e Pólo Universitário da Ajuda e qual o seu lugar e relação (ou não-relação) com a cidade de Lisboa. Como referência a este tema recorreu-se a textos do Arq. Nuno Portas, cujo trabalho incide sobre a cidade e sociedade contemporâneas, muito especialmente o caso português, e aos temas discutidos na Trienal de Arquitetura de 2007 cujo mote fora justamente os 'Vazios Urbanos'. Trabalhar sobre um território carregado de simbologia histórica, como é caso do Palácio Nacional da Ajuda e o Terreiro da Torre do Galo (que, como observámos, se encontram desligados da sua envolvente) tornou ainda mais crítico a escolha da implantação das residências nas suas cercanias.

O gesto de afirmar e prolongar o vazio que é atualmente o Terreiro da Torre do Galo e levá-lo aos limites do Bairro 2 de Maio teve o intuito de ligar estes dois elementos tendo como elemento definidor e articulador os edifícios propostos para as residências. Para além da habitação os edifícios propõem também áreas de lazer, comércio, serviços, hortas comunitárias e outros programas em falta nesta zona, com a ambição de gerar assim mais movimento e interação. Procurámos ainda reforçar a identidade do lugar assumindo a cor da pedra do Palácio na matéria a utilizar na construção dos edifícios e imprimindo-a no betão pré-moldado que reveste as suas paredes exteriores.

A construção e consolidação do vazio como motor para uma reestruturação mais alargada da envolvente construída, contrariando o impulso natural de ocupar o seu espaço disponível, constituiu o principal argumento conceptual deste projeto. Entendemos aqui o vazio como um espaço livre mas presente. A sua conformação espacial e pesquisa de soluções pelo desenho e pela maquete tornaram-se fulcrais em termos operativos, discutindo aqui a sua oportunidade de ao definir os edifícios de residências de estudantes, podermos abordar a definição e caracterização de um espaço público de suporte a elementos patrimoniais relevantes à coesão urbanística da sua envolvente bem como de gerar relações de paisagem mais abrangentes.

Existe um fascínio latente pelo potencial destes lugares vazios, abandonados e residuais na cidade, evidentemente muito importantes na questão da memória coletiva. Como tal, o principal desafio deste trabalho foi precisamente a procura da consolidação da condição de vazio deste lugar, reafirmando-o na paisagem e no seu contexto, procurando através da proposta cumprir com as questões programáticas enunciadas, numa resposta que busque soluções de integração social mais vastas do que o problema universitário estrito.

Bibliografia

AAVV, Políticas Urbanas II – *Transformações, Regulação e Projetos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

AAVV, *Vazios Urbanos – Trienal de Arquitetura*, Lisboa: Caleidoscópio, 2007

AAVV, Livro de Análises, trabalho de análise ao Bairro da Ajuda realizado no âmbito da disciplina de Projecto Final de Mestrado, Lisboa: FAUTL, Novembro 2012

AMÉNDOLA, Giandomenico, *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo De La Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, 2000

AUGÉ, Marc, *Não-Lugares*, Editora 90°, 2007

GAMEIRO, Diamantino Filipe Alpoim, *A dimensão coletiva: projeto de edifícios de equipamento. A arquitetura de igrejas. (Reabilitação da envolvente da Igreja da Memória)*, tese de Mestrado Integrado, FAUTL, 2012

GEFELLER, Andreas, *Supervisions*, 2002, <http://www.andreasgefeller.com/supervisions/works>, [consultado em 2013-04-18]

GRAÇA DIAS, Manuel, *Vida Moderna*, Editora Ensaio, 1992

GRAÇA DIAS, Manuel, *Ao Volante Pela Cidade*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, Outubro de 1999

JORDÃO, Joana Raquel Delgado, *A presença do vazio arquitetónico - Elemento estruturador de um edifício híbrido*, tese de Mestrado Integrado, FAUTL, 2011

LYNCH, Kevin, *The Image of the city*, Cambridge MA: The MIT Press, 1960

LYNCH, Kevin, *Wasting Away*, San Francisco: Sierra Club Books, 1990

KOLHOFF, Hans, entrevista a Wim Wenders em “La Ciudad. Una Conversación”, Revista *Quaderns* 177, Abril, Mayo, Junio: 42–81

MARTINEZ GARCIA-POSADA, Ángel, “Espacios Potenciales - Congreso Nacional Del Medio Ambiente”, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla, n.d..

MARTINS, Rui Manuel Campos Araújo, *Repensar o Campus Universitário da Ajuda. Articulações Espaciais. Espaços de Relação*, dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, FAUTL, 2012

MUSEU SERRALVES, *Visões e Utopias – desenhos de arquitectura do museu de arte moderna, Nova Iorque*, Porto: Fundação Serralves, 2003

PDM em vigor, Elementos constituintes. Lisboa: CML. 2012, disponível em WWW:<URL: <http://pdm.cm-lisboa.pt/>, [consultado em 2013-06-11]

PORTAS, Nuno, “Do Vazio Ao Cheio,” *Cadernos De Urbanismo PCRJ/SMU*, Rio De Janeiro, Ano 1 2000: 07– 10.

SMITH, Monica L., “Urban Empty Spaces. Contentious Places for Consensus-building”, *Archaeological Dialogues* 15 (2), Cambridge University Press, 2008, 216–231.

SPENCER, Jorge Manuel Fava, *Aspectos heurísticos dos desenhos de estudo no processo de concepção em Arquitectura*, dissertação de doutoramento em Arquitectura da FAUTL, 2000

THOMSEN, Judith, *Student Housing – Student Homes?: Aspects of Student Housing Satisfaction* Fakultet for arkitektur og billedkunst, 2008

p.5 Fig. 1 Execução dos Távoras, legendado Fonte: Museu da Cidade

p.6 Fig. 2 CAULA, Bernardo de, *Vue et perspective du Tage et de l'entrée de la Barre de Lisbonne prise depuis de la Tour Sam Juliam jusques et comprit le Fauxbourg et porte d'alcantara et couvent de Necessidades*. [S.l. : s.n., 1763].

Fonte: ABECASSIS, Maria Isabel Braga - *A Real Barraca: A Residência na Ajuda dos Reis de Portugal após o Terramoto (1756-1794)*, 1ªed. Lisboa: Tribuna da História, 2009. Capa. 232p. ISBN 978-989-82191-1-4

p.7 Fig. 3 Planta do Real Palácio da Ajuda e as suas cercanias Autor desconhecido, s.d. Fonte: SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO (SIPA). Pesquisar arquivos. [Consult.5 Out.2012].

Disponível em : <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1>.

p.8 Fig. 4 Plano de Pormenor da zona da Ajuda, BYRNE, Gonçalo, 1987-1992

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=523145>

p.10 Fig. 5 Os cinco parâmetros de Kevin Lynch Fonte: LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lisboa, Janeiro de 2011

p.12 Fig. 6 Biblioteca de Santo Domingo, Medellín, Colombia, 2013 Fonte: fotografia de autor

p.14 Fig. 7 *Puzzle* da cidade - inserção de novas lógicas, Fonte: AAVV, Políticas Urbanas II – *Transformações, Regulação e Projectos*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

p.15 Fig. 8 Palácio Nacional da Ajuda e vazio envolvente, Fonte: <http://comjeitoearte.blogspot.pt/2012/03/palacio-nacional-da-ajuda.html>, [consultado em 2013-05-30]

p.16 Fig. 9 *Supervisions*, Andreas Gefeller, Dusseldorf, 2009 Fonte: GEFELLER, Andreas, *Supervisions*, 2002, <http://www.andreasgefeller.com/supervisions/works>, [consultado em 2013-04-18]

p.16 Fig.10 Friedrichstadt, Berlim, *As Asas do Desejo*, Wim Wenders (1987) Fonte: KOLHOFF, Hans, entrevista a Wim Wenders em “La Ciudad. Una Conversación” , Revista Quaderns 177, Abril, Mayo, Junio

p.18 Fig. 11 - O vazio como excepção Fonte: desenho de autora

p.18 Fig. 12 - O habitar de um vazio Fonte: desenho de autora

p.18 Fig. 13 *Casa das Mudanças*, Paulo David (PROAP), Madeira, 2004

Fonte: [http://docasnasasasodesejo.blogs.sapo.pt/19730.html](http://docasnasasasasodesejo.blogs.sapo.pt/19730.html), [consultado em 2013-04-23]

p.19 Fig.14- *ETAR Alcântara*, Frederico Valssassina e Aires Mateus, Lisboa, 2011, <http://greentalks.blogs.sapo.pt/24035.html>, [consultado em 2013-04-23]

p.21 Fig 15 - *Pavilhão Suíço*, Le Corbusier, Cidade Universitária, Paris, 1932, Fonte: GALINSKY - PAVILLON SUISSE WWW: <URL:<http://www.galinsky/buildings/swiss/index.htm>>

p.22 Fig. 16 - Célula habitacional dupla, Campus II da Universidade de Coimbra, Aires Mateus, 1999, Fonte: "Jornal Arquitectos", nº 200 (Mar./Abr. 2001), p.72-81

p.24 Fig.17 - Análise de Vazios da área de intervenção – Bairro e Pólo Universitário da Ajuda

p.25 Fig. 18 - Esquema de localização das residências, Fonte: desenho de autora

p.26 Fig. 19 - Interpretação do vazio (antes e depois da intervenção), Fonte: desenho de autora

p.27 Fig. 20 - Exploração do vazio, maquetas de estudo

p.28 Fig. 21 - Processo de criação do vazio e das residências, Fonte: desenho de autora

p.29 Fig. 22 – Processo de simplificação do vão do Palácio - aplicação do desenho aos painéis de betão pré-moldado, Fonte: desenho de autora

p.29 Fig. 23 – Painéis de betão pré-moldados com os desenhos do palácio, d.a

p.29 Fig. 24 – Materialidade – esquema conceptual, Fonte: desenho de autora

p.30 Fig. 25 - Três variantes da célula - dupla; investigador/apartamento; individual, Fonte: desenho de autora

p.31 Fig. 26 – Esquema de materialidade da célula habitacional, Fonte: desenho de autora

Lista de Anexos

Anexo 1: Portfolio (em suma)

Anexo 2: Maquetas

Anexo 3: Painéis de apresentação do projeto

Painel 1: Escala de Cidade; Diagramas explicativos do projeto e do processo de intervenção;

Painel 2: Proposta Urbana – planta e cortes escala 1/2000

Painel 3: Planta cota 84.20 – escala 1/200

Painel 4: Planta cota 89.00 – escala 1/200

Painel 5: Planta cota 92.50 – escala 1/200

Painel 6: Planta cota 96.00 e 102.30 – escala 1/200

Painel 7: Planta de coberturas – escala 1/200

Painel 8: Cortes/alçados – escala 1/200

Painel 9: Cortes/alçados – escala 1/200

Painel 10: Cortes/alçados – escala 1/200

Painel 11: Células habitacionais (plantas/cortes) – escala 1/50

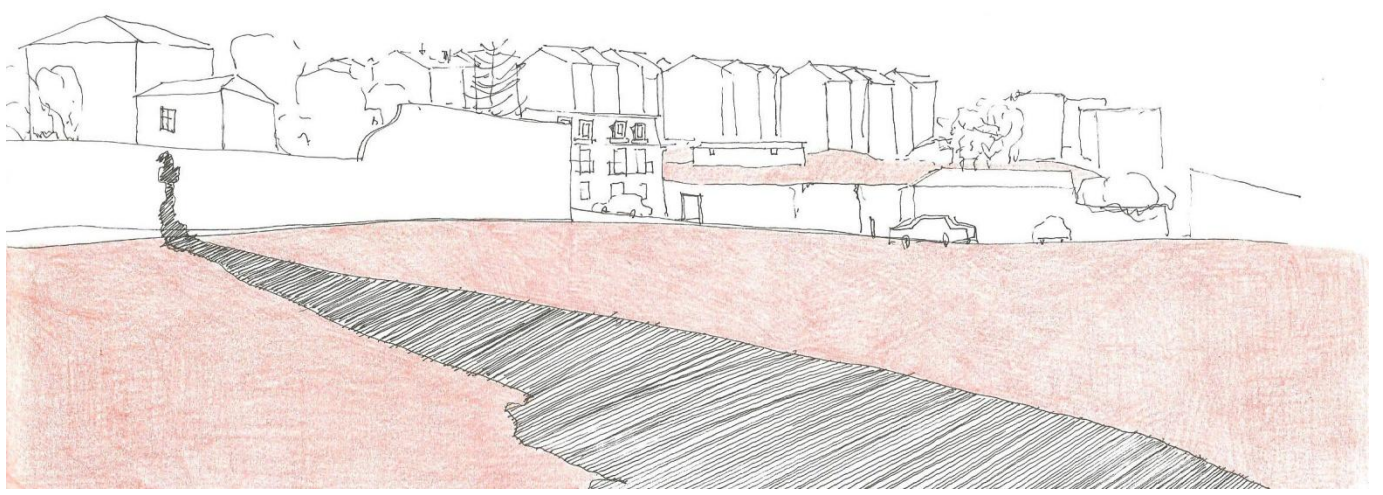
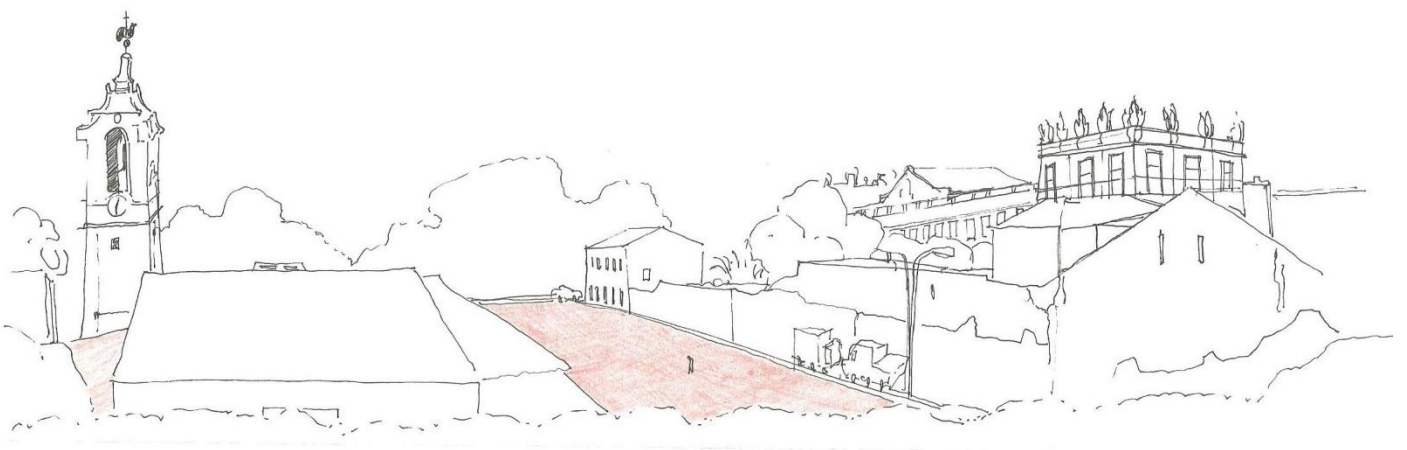
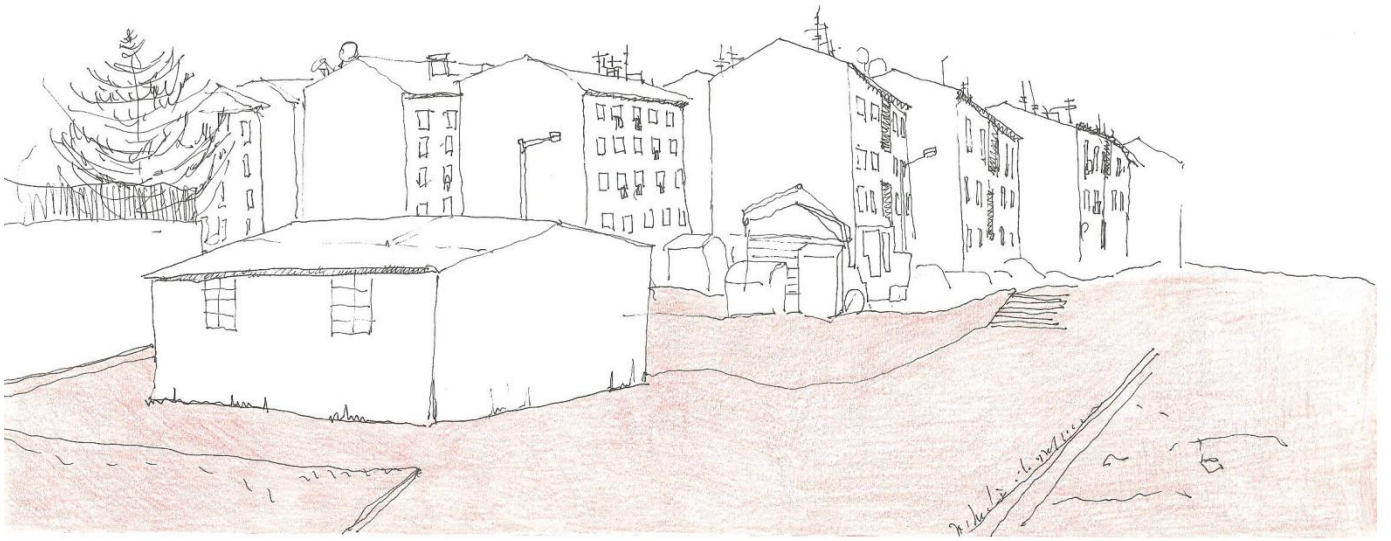
Painel 12: Detalhes construtivos e fachada – escala 1/20

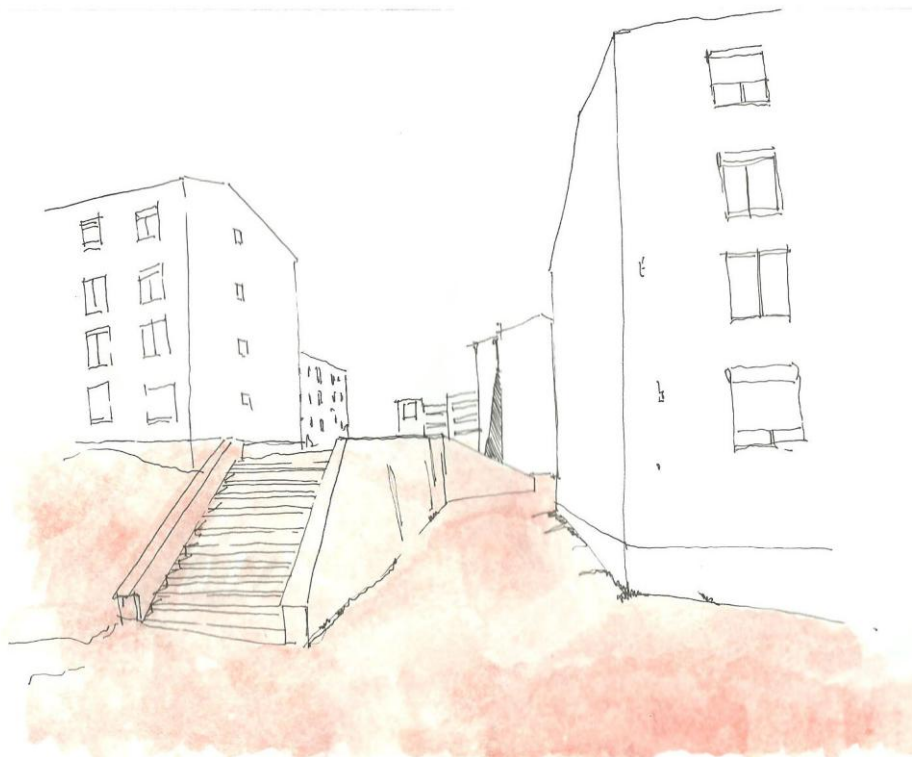
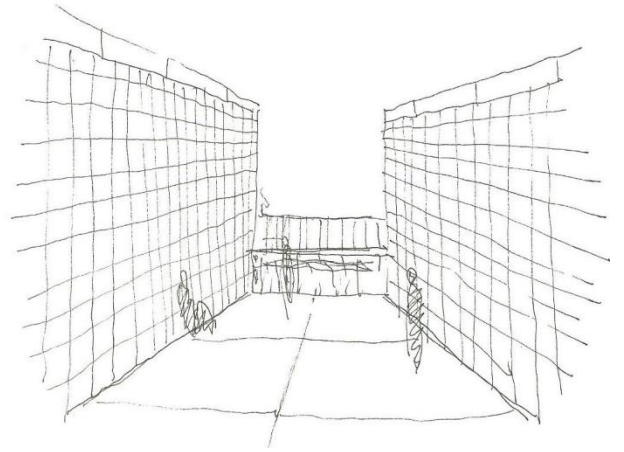
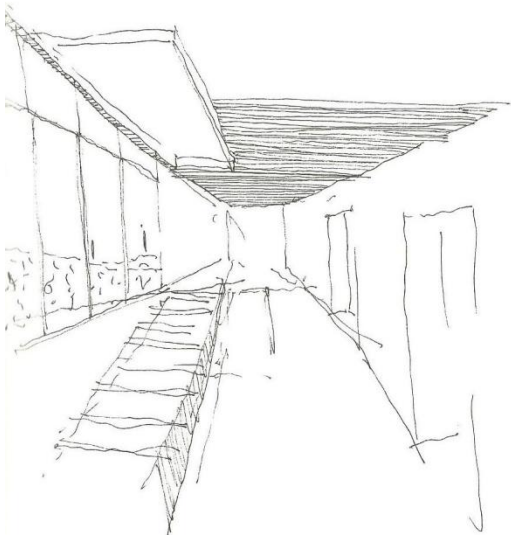
Painel 13: Nós construtivos – escala 1/5

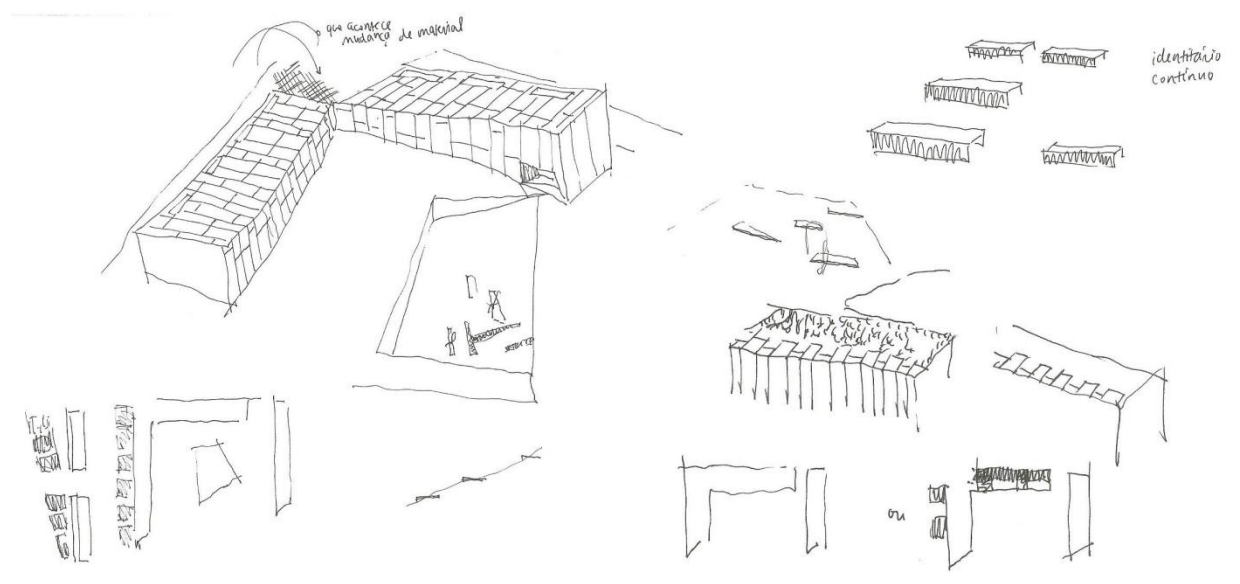
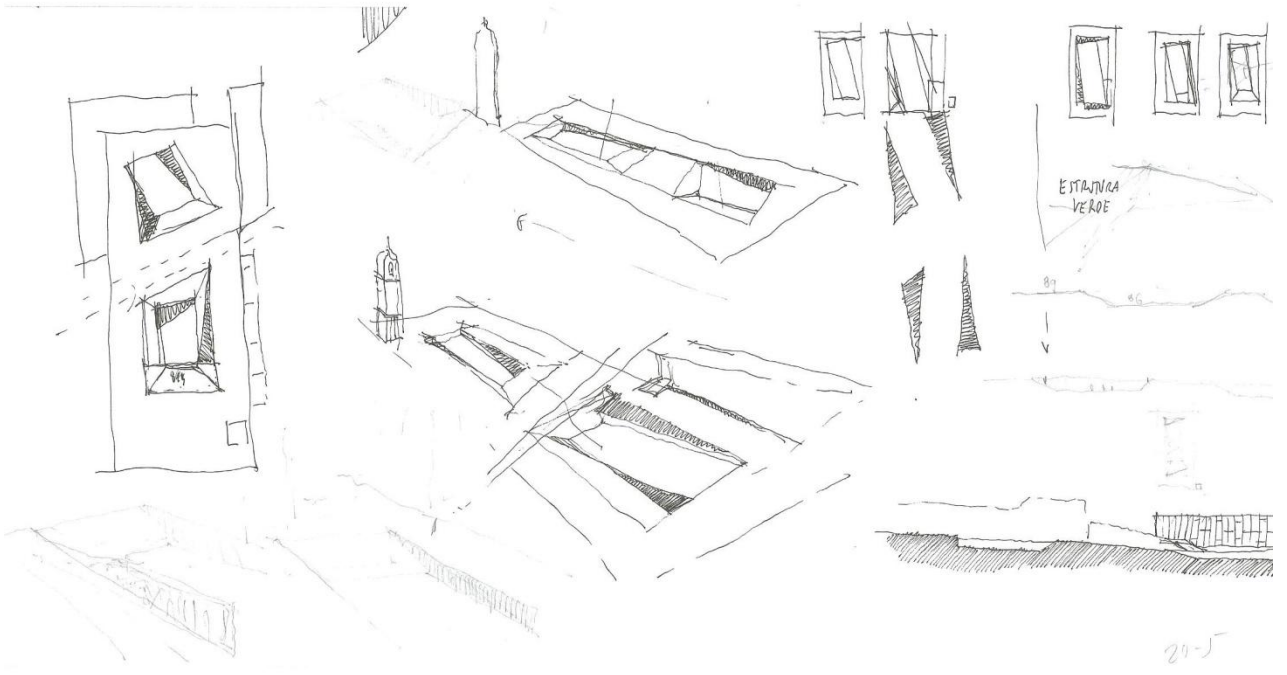
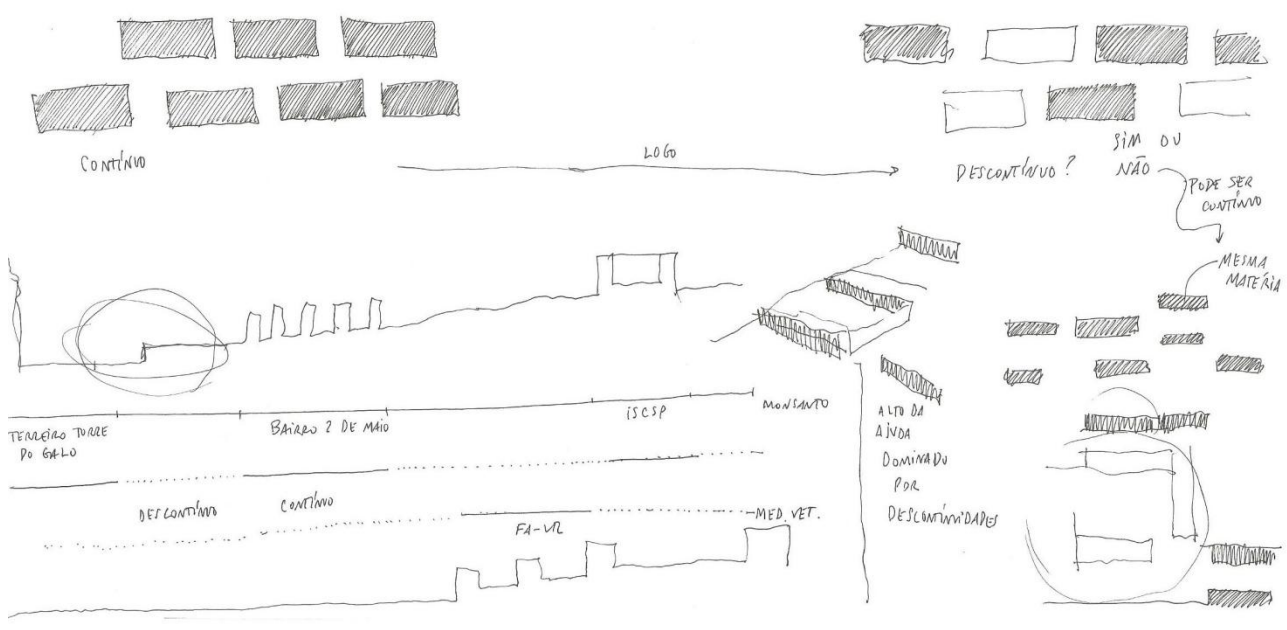
Painel 14: Argumentação gráfica – vista global exterior

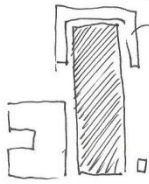
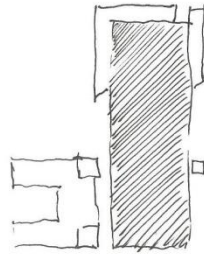
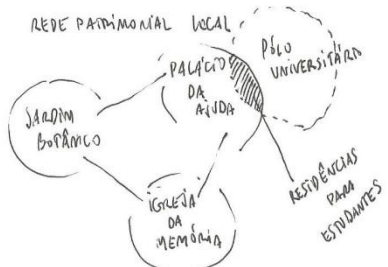
Painel 15: Argumentação gráfica – vista interior e vista exterior

Anexo 1 – Portfolio

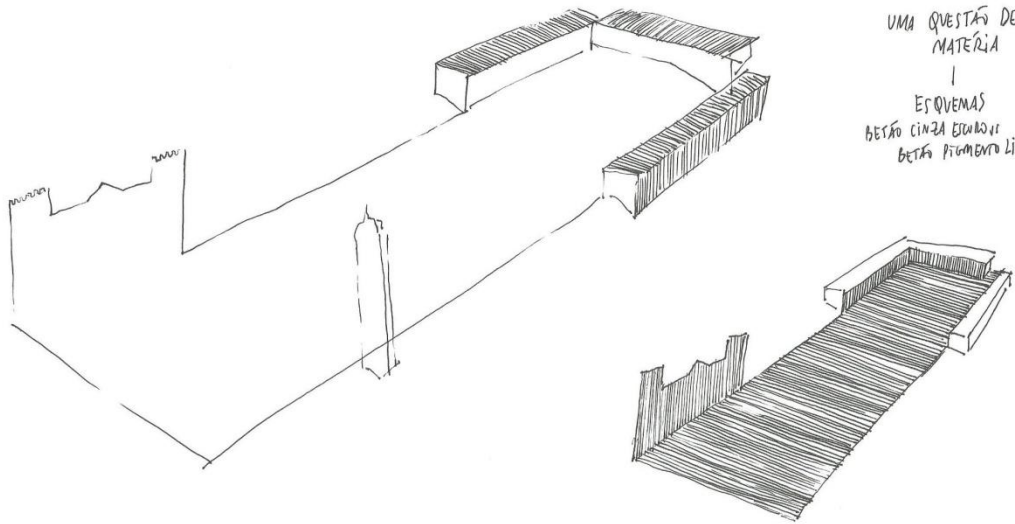
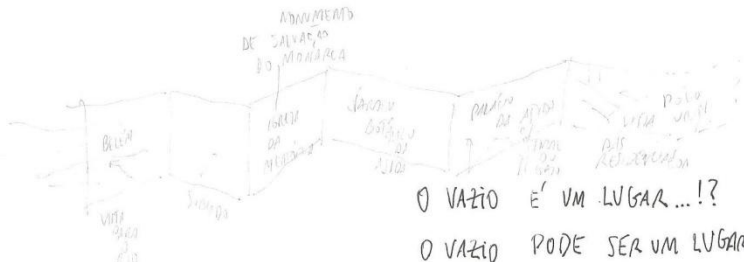








PROTEGO AÍSEMÀ NA POSSIBILIDADE DE CONSOLIDAR O VAZIO COMO O VAZIO QUALIFICADO, COM A CONSTRUÇÃO DE O VAZIO REAL, LIMITADO POR 3 PONTOS CHAVE: AS RESIDÊNCIAS, O PALÁCIO E A TORRE DO GALO

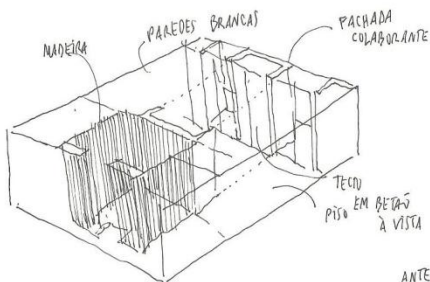


UMA QUESTÃO DE MATÉRIA

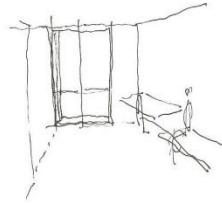
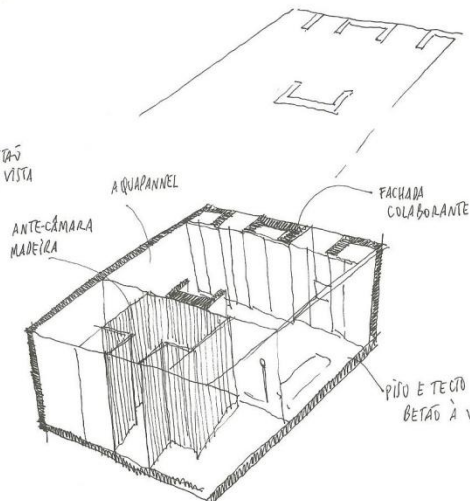
ESQUEMAS

BETÃO CINZA ESCURO

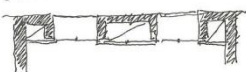
BETÃO FIMENTO LÍZ



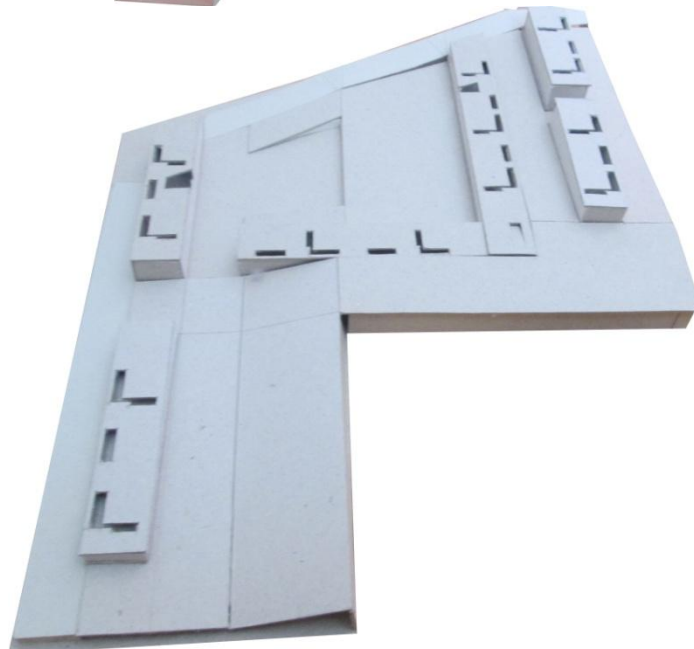
A CÉLULA - AXONOMETRIAS

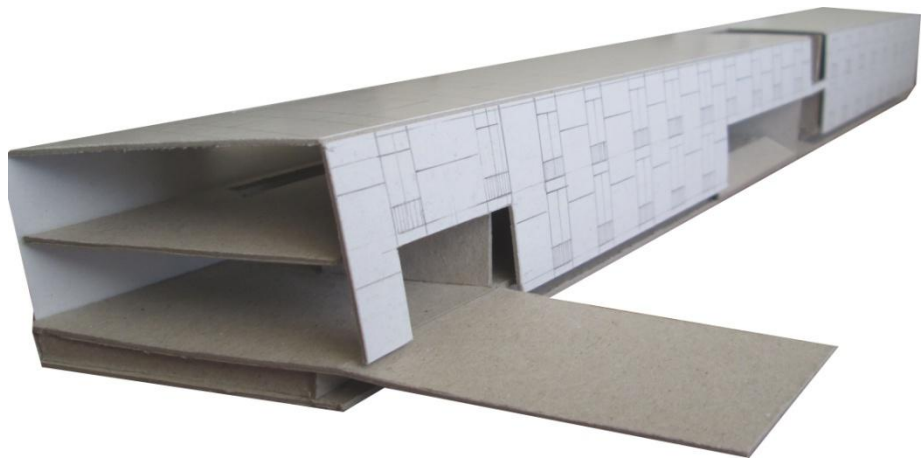
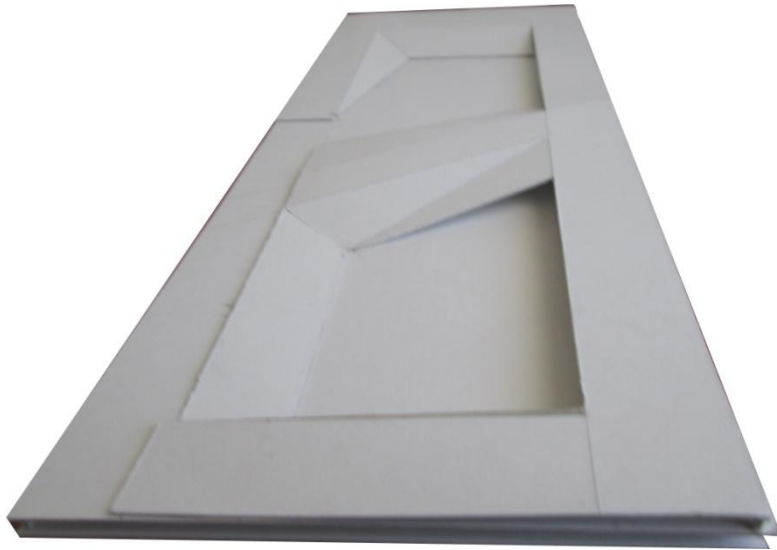


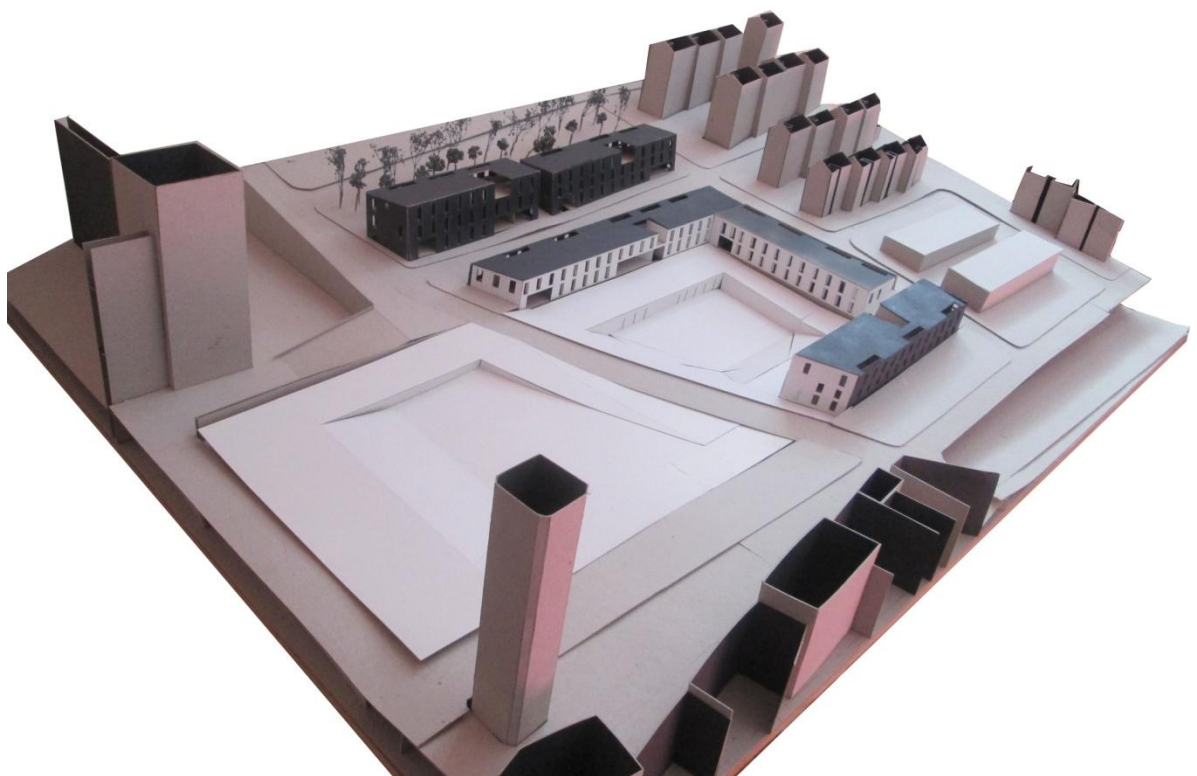
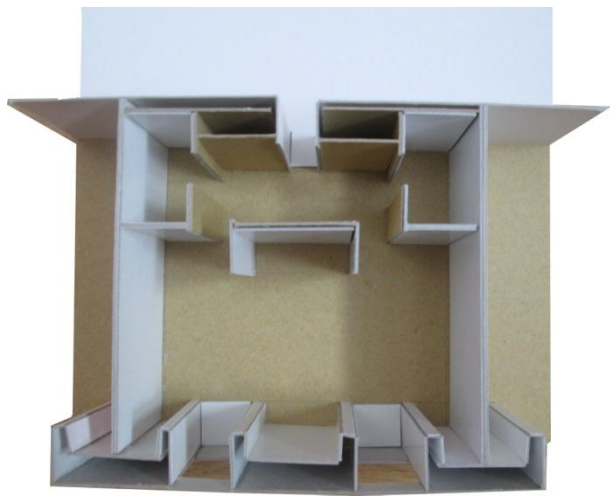
- A FACHADA É COLABORANTE PORQUE SE CONTRAI E ABRE APROVEITANDO-SE PARA O QUE APENAS FACHADA - FICA ARMÁRIO E REENTRANÇA PARA A VARANDA



Anexo 2 – Maquetas







Anexo 3 – Painéis Finais